

Existencialismo

Uma Vista Geral e Importância

Suplemento à Revista *Ministry*

Conteúdo

Conteúdos e Perigos do Existencialismo

Edward Heppenstall

Alvos e Valores Espirituais do Existencialismo

Jean R. Zurcher

Fé Como Uma Experiência Existencial

Herbert E. Douglass

O Existencialismo e as Doutrinas Cristãs Básicas

Harry W. Lowe

PREFÁCIO

Durante os anos recentes várias formas da filosofia existencial têm varrido de um extremo a outro os campi das universidades, tanto seculares como religiosas, na América do Norte. Pessoas mais jovens têm encontrado enorme apelo em algumas formas do existencialismo. Às vezes a reação tem sugerido a descoberta de alguma coisa nova, e nos círculos teológicos, a descoberta de alguma coisa não acessível através da religião ortodoxa.

O Existencialismo é quase tão difícil de interpretar como é impossível descrevê-lo. Ele pode ser totalmente secular e totalmente ateu, ou pode parecer com uma filosofia Cristã que se encaixa no ambiente social do Catolicismo Romano, no Protestantismo ou na instituição Ortodoxa. Ele também pode estar à vontade com o Judaísmo.

O apoio dos intelectuais em cada uma destas crenças tem tornado o existencialismo alguma coisa “excêntrica” nos círculos educacionais e teológicos durante as duas últimas décadas. Isto foi especialmente assim sob o deslumbramento dos famosos intérpretes Europeus, tais como Dostoevsky, Kierkegaard, Kafka, Sartre, Camus, Jaspers, Tillich, e uma hoste de outros. Nem todos os que citam estes nomes leram suas obras de fato, porém a moda se move rapidamente a despeito disso.

Quando nossos próprios campi Adventistas do Sétimo Dia sentiram estas correntes, era inevitável que surgissem muitas perguntas. Foi com o propósito de responder algumas destas perguntas que foi solicitado a certos homens que preparassem documentos para uma discussão num grau mais elevado por um comitê de pesquisa em Outubro de 1967. Foram designados tópicos a estes homens, mas de outro modo não foram constrangidos em sua escrita e, desde que eles estavam em diferentes partes do mundo, não houve colaboração entre eles, e suas avaliações foram totalmente pessoais e independentes.

Após livre discussão destes documentos, durante a qual o Dr. D. W. Holbrook do Home Study Institute foi o Moderador, chegou-se às seguintes conclusões:

1. O existencialismo não pode ser definido precisamente. De fato, uma definição exata é costumeiramente evitada pelos filósofos existenciais, visto que defini-lo seria perdê-lo na escravidão de um confinamento muito restrito.

2. Ele é até um certo grau um afastamento filosófico radical do que foi previsto por Pascal e trabalhado mais metodicamente por Kierkegaard e seus sucessores nesta área.

3. O existencialismo, como o nome sugere, relaciona o destino do pensador individual às ideias com as quais se ocupa e podem ser entendidas por sua própria mente.

4. No existencialismo Cristão esta filosofia significa que as crenças Cristãs não têm valor exceto quando elas são experiências vitais na vida diária.

5. Esta experiência existencial vital tem, entretanto, sempre sido uma ênfase maior na doutrina da regeneração, de tal modo que pelo novo nascimento em Cristo, todas as crenças fundamentais se tornam a salvação da alma, através do Espírito Santo, uma experiência coesa, vital e contínua diariamente.

6. Na área do dogma, Cristãos fundamentalistas de todas as persuasões são confrontados com o fato que os existencialistas Cristãos, especialmente os mais recentes, foram do pensamento de escolas modernistas. São dados exemplos nestes documentos.

7. O existencialismo enfatiza algumas lições vitais para o crente Cristão. Por exemplo, crenças doutrinárias podem ser apenas declarações frias como o gelo a menos que elas se tornem vivas e aquecidas num coração crente e numa vida vitoriosa. Tendo dito isto, devemos concluir que (a) estas lições vitais são encontradas nas ordens e exortações do Novo Testamento para vivermos nossas crenças e sermos o que pretendemos ser, (b) na área da crença doutrinária, existe pouco ou nada no existencialismo que não seja oferecido a nós nos ensinamentos Bíblicos como os entendemos como Adventistas.

8. O existencialismo parece estimular a curiosidade e a preocupação espirituais entre o estudante das universidades, mas tem que ser admitido que uma grande porcentagem de eles chega a argumentos confusos contra a validade e importância dos ensinamentos da igreja Cristã. Para eles cessa de existir uma estrutura clara, convincente da verdade objetiva expressa por um “Assim diz o Senhor.” A super ênfase nos relacionamentos e processos tende a destruir uma convicção que existe verdade absoluta para o propósito da redenção do homem.

9. No espectro amplo da verdade, estendendo-se da verdade objetiva absoluta aos relacionamentos subjetivos, o entusiasta existencial tende a enfatizar apenas um extremo dos sentimentos subjetivos quando comparados com verdades objetivas. Alguns entusiastas existenciais contenderiam que Ellen G. White foi alguém semelhante a eles, e não requereria grande erudição para compilar uma lista de citações apoiadoras deste objetivo. Deveria, entretanto, ser muito fácil reunir uma lista igualmente impressionante mostrando a crença dela na verdade absoluta imutável e sua importância. O que significa que Ellen G. White permaneceu realmente no meio do caminho, removida dos extremos nestes assuntos. Esse é o lugar aonde pensamos que a encontraríamos em nossa busca por valores eternos.

The General Conference
Biblical Research Committee

Conteúdos e Perigos do Existencialismo

Edward Heppenstall

Os perigos a serem encontrados no existencialismo Cristão não são nem óbvios nem facilmente discernidos. Pelo contrário, a reivindicação da relevância e envolvimento do existencialismo do todo da existência do homem na verdade oferece muito mais do que é desejável.

A palavra “existencialismo” é uma extensão da palavra existência.” As questões cruciais que o homem moderno enfrenta requer que ele descubra a verdadeira natureza de sua existência. Por séculos a abordagem na filosofia tem reduzido o mundo das pessoas, incluindo Deus e homem, a meros objetos do pensamento, quando conceitos são colocados em categorias de linguagem. O resultado tem sido a aplicação dos poderes racionais do homem para controlar e dirigir a vida no plano horizontal econômica, política, científica, e religiosamente. A consequência é a desumanização do indivíduo. A religião Cristã tem sido esvaziada de seu significado vital e sua relevância para a vida. Isto se deve largamente à preocupação da igreja com a busca pela infalibilidade racional, em vez de com o viver a verdade. Por que a verdade religiosa tem se tornado objetivada, o homem tem sido separado de Deus.

Existe muita verdade para esta observação crítica pelo existencialismo. A igreja tem por muito tempo operado principalmente no contexto das ideias e doutrinas, dando prioridade aos pronunciamentos formais feitos por ela e pela escola. É possível responder muitas perguntas sobre religião e vida sem lidar

com a questão principal: o que do ser uma pessoa está envolvido no ser alguém. Uma filosofia racional da religião pode ser uma substituta para a coisa real. No artifício de palavras e ideias, é possível reduzir Deus a uma ideia. O esforço para formular um credo pode levar o homem a nenhuma parte. O Deus que as pessoas reivindicam crer pode se tornar para elas nada mais do que uma abstração intelectual. Esta é a grande tragédia da filosofia de acordo com o existencialismo.

O existencialismo é uma revolta contra a tentativa de compreender o significado da vida através das ideias. A afirmação é que Deus não pode ser feito um objeto do pensamento humano sem que a verdade a respeito de Ele seja distorcida. Lidar com a verdade como um objeto para ser compreendido pela lógica da mente e da linguagem é perder o relacionamento vertical com Deus; que acreditar que a realidade é alguma coisa a ser conhecida mais precisamente do que vivida é uma ilusão, negando ao homem a verdadeira natureza do significado e existência Cristãos. O homem por meio disso se torna cativo das categorias racionais, em vez de experimentar liberdade através de um relacionamento pessoal com Deus.

O existencialismo é uma filosofia que despedaça toda a segurança racional. Ele condena todas as reivindicações à verdade que evitam ou abdicam o envolvimento pessoal. Interpretar a religião Cristã em termos de ideias e doutrinas é distorcer a verdade e tomar parte de ela impossível.

Como a verdade se torna relevante? O existencialismo concentra esforços para responder esta pergunta. O que está em risco é a própria natureza do ser do homem. A realidade da verdade é experimentada quando o homem enfrenta decisões que constituem em essência uma questão de vida e morte. O existencialismo é uma filosofia de crise, onde o homem é impelido a decisões vitais, conseqüentemente penetrando o significado mais interior da vida, enfrentando as crises e ansiedades que confrontam a própria existência de alguém.

O contraste é entre ser um participante e ser expectador. Alguém pode declarar sua crença objetivamente sobre a natureza do homem, que ele é mortal, sujeito à morte. Ele pode escrever essa declaração, coloca-la em forma doutrinária, discuti-la como um fundamento de suas próprias conclusões lógicas a respeito do homem, tudo isto sem estar envolvido. Mas deixe que um médico declare um homem como vítima de um câncer terminal. Ele agora está envolvido na própria morte. A morte não é mais uma teoria a ser discutida. Ela agora é parte da própria existência do homem. Conseqüentemente, a verdade será falha se ela deixar abruptamente de assegurar o envolvimento do homem todo.

O Que é a Verdade?

O problema crucial no existencialismo se centraliza na questão de como chegar à verdade. Soren Kierkegaard, o filósofo Dinamarquês, considerado o pai do Existencialismo Cristão, escreveu que “A Verdade é Subjetividade.”

Existe a seguinte definição da verdade: uma INCERTEZA objetiva que ajuda rápido num processo de apropriação de natureza interna dos mais impetuosos é a verdade, a verdade mais elevada atingível por um indivíduo existente... A verdade é precisamente a especulação que escolhe uma INCERTEZA OBJETIVA... O caráter paradoxal da verdade é que sua INCERTEZA é uma expressão para o impetuoso interior, e esta impetuosidade é precisamente a verdade.¹

De acordo com isto, o homem descobre a verdade, não pela certeza do conhecimento objetivo, mas somente pela decisão pessoal, uma “impetuosidade de natureza interna.” O envolvimento do homem vem primeiro. A verdade depende de sua validade para o homem. A verdade vem de dentro, não de fora. A decisão do homem cria de si mesma o que é existencialmente verdadeiro. A consistência racional do conteúdo bíblico como doutrina não é essencial a fim de conhecer a verdade. A verdade não é objetivamente dada na Bíblia desse modo ela é eternamente verdade. A Palavra da verdade nunca foi dada de uma vez por todas. A verdade é sempre contemporânea. Apenas a verdade de hoje, existencialmente, pode ser a Palavra de Deus. A mesma palavra amanhã poderia ser demoníaca uma vez que o encontro e o envolvimento com Deus estão perdidos.

A questão crucial é: em que ponto os homens são realmente confrontados com a verdade? No ponto do conhecimento ou no ponto da decisão? No ponto onde a verdade objetiva da Escritura é trazida para a mente, ou no ponto do envolvimento pessoal através de um ato da decisão? Qual é o fundamento da decisão correta? Em que ponto um homem é capaz de dizer se fez ou não o comprometimento impetuoso correto? Se um conceito ou doutrina Bíblica não é verdade até que se torne envolvida pelo comprometimento pessoal, então o que ela é? É a falsidade ou a verdade da ideia ou doutrina não mais relevante para o significado intrínseco da própria verdade?

A objetividade da verdade da Escritura, fixada pela própria natureza da revelação e inspiração divinas, é incompatível com esta abordagem subjetiva. O existencialismo não está desejoso de ser refreado pelo caráter normativo da Palavra de Deus. É a verdade da Escritura autônoma? O existencialismo nega isto. O que é prévio, diz o Cristianismo tradicional, é o conhecimento de e vindo de Deus, não as decisões dos homens. O último é testado pelo primeiro. A verdade permanece separada da decisão do homem. Ela possui uma harmonia preestabelecida com o Deus da Bíblia e Seu Filho Jesus Cristo. Consequentemente, crer num fundamento de conhecimento é essencial e um envolvimento pessoal anterior na verdade. Ela pode ser sujeita não obstante à participação do homem nela.

Crer que a fonte da verdade pode ser encontrada na situação humana, na decisão do homem, em vez de no movimento de Deus em direção ao homem através dos apóstolos e profetas é perigoso em extremo. Somente Deus é responsável pelo dom da verdade. Deus em nenhuma parte deixa o homem pecaminoso procurar no escuro ao redor de si mesmo pela norma ou experiência da verdade. O existencialismo despedaça a fé na verdade objetiva, nos absolutos morais, e nos princípios eternos revelados nas Santas Escrituras.

A posição Cristã tradicional declara que a crença na Bíblia como a Palavra de Deus revelada é, primeiro, uma declaração, não a respeito da existência humana numa situação contemporânea, mas um conhecimento objetivo da verdade dada por Deus existindo em e de si mesma. É admitido que o existencialismo tem um ponto que adverte contra o intelectualismo abstrato. Indubitavelmente, a importância vital de decidir pela verdade não pode ser superestimada; porém como o homem saberá que o aquilo que ele decide é realmente a verdade? Na Escritura, os princípios da verdade, moralidade, Deus, e homem, são fixados durante todo o tempo e para todos os homens. Aqui Deus fala ao homem sobre Si mesmo, quem Ele é, o que Ele fez, está fazendo, e o que Ele fará, e o que Ele requer que os homens creiam e façam. Este é o conhecimento dado do conteúdo da verdade. Ele se destina ao homem pessoalmente e requer uma resposta pessoal inteligente, um envolvimento em harmonia com o conhecimento dado e ao alcance da mente. O envolvimento verdadeiro requer obediência àquilo que é objetivamente dado. O conhecimento da verdade Bíblica envolve mais do que mero pensamento. Ele requer a vinda de toda a vida do homem para o cativo e harmonia com as verdades reveladas da Palavra de Deus. O subjetivismo pode conduzir apenas a um relativismo moral e a um irracionalismo sem um fundamento firme.

Quando a questão da verdade é suscitada de uma maneira objetiva, a reflexão é dirigida objetivamente à verdade, como um objeto ao qual o entendido está relacionado. Entretanto, a reflexão não é focada sobre o relacionamento, mas sobre a questão se ela é a verdade à qual o entendido está relacionado... Quando a questão da verdade é suscitada subjetivamente, a reflexão é dirigida subjetivamente à natureza do relacionamento do indivíduo... **O INDIVÍDUO ESTÁ NA VERDADE MESMO QUE ACONTECESSE QUE NESSE CASO ELE ESTIVESSE RELACIONADO ÀQUILO QUE NÃO É A VERDADE...** O caráter paradoxal é sua incerteza objetiva.²

De acordo com isto não existe verdade universal para todos os homens. A descoberta da verdade para cada homem não se repete para ninguém mais. A verdade para um homem não se constitui norma para outro. O perigo aqui é que o homem queira se vincular àquilo que é falso. Aqui existe um abismo intransponível entre o existencialismo e a religião Cristã tradicional. Pois o existencialismo se recusa a ser refreado pelas verdades eternas da Palavra de Deus revelada.

O ponto de vista Cristão tradicional é que os eventos históricos e verdades doutrinárias da Bíblia possuem significância para os homens em todas as eras sobre o fundamento que elas constituem a verdade eterna e estabelecida de Deus. Uma abordagem à verdade digna de confiança é tanto objetiva como existencial. Se os homens devem descobrir a verdade para o coração, mente, e vida, a harmonia entre a Palavra dada e a experiência existencial é essencial. Quando apenas a última é requerida, a verdade e o conhecimento passaram para o subjetivismo despedaçador.

Se o existencialismo Cristão deve se tornar familiarizado com suas responsabilidades para tornar a verdade relevante para a vida, ele deve falar com a voz da certeza. Porém esta é uma coisa que ele não pode fazer, e nega, como uma possibilidade.

O caráter paradoxical da verdade é sua incerteza objetiva... sem risco não existe fé, e quanto maior o risco maior a fé; quanto mais segurança objetiva menos natureza interna, e menos segurança objetiva mais segurança interna profunda se torna possível.³

Em oposição direta a isto, a igreja Cristã diz aos homens em todos os lugares: “Existe a palavra segura de Deus.” Nenhum homem vive por meio daquilo que dá a impressão de ser correto aos seus próprios olhos e à sua própria experiência. Deus falou por Seu Filho e por Sua Palavra. A vida em comprometimento com esta Palavra tem somente significado e certeza reais. Se a Igreja Cristã de hoje continuamente fizesse alguma coisa para tornar a religião Cristã significativa, apenas ocorreria um retorno à verdade revelada como dada por Deus; por que somente uma verdade vinda de Deus é capaz de dar nascimento à vida espiritual e despertar no homem uma existência que esteja em harmonia com Deus.

Fragmentação de uma Autoridade Objetiva

A dependência e apelo do existencialismo ao subjetivo repudia a autoridade de qualquer corpo de crenças, ou a estabilidade das verdades eternas da Escritura. Ele é uma revolta contra os sistemas e doutrinas sobre o fundamento que tal conjunto de preceitos tende a separar o pensamento da vida. Os absolutos, os universais, são simples mentes expressões verbais, e não possuem realidade verdadeira. Apenas a palavra existencial é real e relevante. A palavra da verdade é sempre contemporânea. Ela jamais foi dada com a finalidade de ser para todos os homens.

Se o Cristianismo fosse uma doutrina, o relacionamento com ele não seria de fé, pois somente um relacionamento do tipo intelectual pode corresponder a uma doutrina... O domínio da fé neste caso não é uma classe para tolos na esfera do intelectual, ou um manicômio para o imbecil. A fé constitui toda uma esfera por si mesma, e toda incompreensão do Cristianismo pode ser de uma vez reconhecida por transformá-lo em uma doutrina, transferindo-o para a esfera do intelectual.⁴

Se sou capaz de compreender a Deus objetivamente, eu não creio, porém precisamente porque não posso fazer isto devo crer. Se eu desejar preservar-me na fé, devo constantemente estar concentrados em manter firme a incerteza objetiva, tanto quanto permanecer sob setenta mil braças de água, ainda preservando minha fé.⁵

No existencialismo, a fé e a dúvida permanecem juntas. Na Escritura, depende da certeza do que alguém crê. Os princípios da verdade na Escritura são seguros para todos os homens, crentes e descrentes. Se eles não fossem, então como alguém poderia de qualquer modo se comunicar com um descrente? Se a verdade não pudesse ser entendida sem fé, toda a discussão com descrentes seria impossível. A verdade é verdade para o crente, porque ela é reconhecível e válida para todos os homens sem levar em consideração a fé pessoal.

Para o existencialismo importa pouco o que um homem crê desde que ele creia com um envolvimento impetuoso. À luz da impecaminosidade do homem, estendida a todo o ser do homem, a decisão pessoal precisa de algum contexto moral e espiritual, alguma norma autorizativa, algum princípio orientador para testar e provar toda reivindicação de ter experimentado a verdade. Como alguém distingue entre “eu

escolho” e “eu sinto” visto que a verdade é subjetividade? Na ênfase inconstante da verdade objetiva para a interioridade do indivíduo, quem ou o que corrigirá qualquer desvio da verdade ou salvará da auto decepção?

Proximidade

O existencialismo envolve um retorno à proximidade com Deus em termos de intensidade de sentimento, paixão, e frequentemente êxtase. Os envolvimentos emocionais são reivindicados ter significância para o relacionamento do homem com Deus, trazendo o homem para a própria essência do divino. Esta façanha de uma fé religiosa é realizada por meio da ontologia (ser), que afirma que o homem possui no profundo do seu ser a capacidade de acesso imediato a Deus e à realidade religiosa, uma consciência interior por meio da qual o homem pode conhecer Deus diretamente. A proximidade magnifica o milagre de alguns encontros imediatos com Deus.

Martin Buber declara:

O que é o fenômeno primal eterno, presente aqui e agora, o qual chamamos de revelação? Ele é o fenômeno que um homem não transpõe, desde o momento do encontro supremo, o mesmo sendo quando ele entra nele... Às vezes ele é como um sopro de luz, às vezes como uma luta romana, mas sempre ele acontece... O homem recebe, e ele recebe não um “conteúdo” específico mas uma Presença, uma Presença como poder.⁶

Emil Brunner afirma:

A revelação, como a fé Cristã a entende, é de fato, por sua própria natureza, alguma coisa que está além de todos os argumentos racionais... que pode ser alcançada somente através da auto comunicação divina.⁷

Conhecemos a Deus somente através da confrontação pessoal, não mais identificada com conceitos de qualquer espécie. ‘Verdade é encontro.’⁸

O problema levantado pelo existencialismo não é algo fácil. A Bíblia fala do testemunho interior do Espírito Santo como um fator essencial na experiência Cristã. A principal preocupação da Igreja, porém, é com a genuinidade do companheirismo com Deus. Por que deveria Igreja se opor à reivindicação da proximidade se ela conduz a um encontro com Deus?

Visto que o encontro com o sobrenatural é a reivindicação comum a todas as religiões, incluindo aquelas que não são Cristãs, como o homem determinará o que é verdadeiro e o que é falso?

O existencialismo não se relaciona com as categorias infalíveis da Palavra de Deus. Portanto ele demonstra um ponto de vista do relacionamento do homem com Deus muito diferente daquele que é revelado na Escritura. O Deus da Bíblia é o Deus que fala. Comunicação com Deus é possível apenas entre pessoas como seres racionais. Uma vez que seja insistido de acordo com a Bíblia que a razão humana deve pensar harmoniosamente com a verdade revelada da Escritura, a necessidade de dar uma verdade objetiva se torna óbvia. Deus nos confronta, não em êxtase ou impetuosidade emocional, não apenas como sujeito, mas como objeto em termos da vontade revelada e da Palavra de Deus. Qualquer reivindicação ao companheirismo com Deus que dispense a categoria racional da verdade estabelecida na Palavra de Deus está aberta à acusação de confrontação demoníaca.

E quando disserem a você, procure por aqueles que têm espíritos familiares, e por feiticeiros que chilreiam, e que murmuram; não deve o povo procurar seu Deus? ... À lei e ao testemunho: se eles não falarem de acordo com esta palavra, é porque não existe luz neles.⁹

Rejeitando as verdades reveladas da Escritura e a natureza objetiva da revelação, o existencialismo priva o homem de qualquer critério que seja para distinguir entre a verdade e o erro, entre o Espírito Santo e o falso espírito. Se Satanás confrontar o homem como um anjo de luz em alguma forma de proximidade, como deveria o homem ser capaz de distinguir entre a voz de Deus e a voz do demônio? Se Cristo for considerado especialista neste pormenor, Seu apelo à Escritura “Está escrito” ao expor o próprio demônio, ainda se mantém verdade para os Cristãos de todas as eras. Qualquer filosofia religiosa que concebe o relacionamento do homem com Deus acima e fora da esfera da revelação conceitual dentro da Escritura deixa os homens amplamente abertos aos enganos do misticismo, sentimentalismo, e toda forma de sobrenaturalismo questionável. Em vez de recuperar a relevância da verdade, ela envolve a capitulação da verdade eterna da Palavra de Deus. O existencialismo é o solo ridicularizador para o crescimento da tendência de nossos dias que se dirige a um sobrenaturalismo professado que poderia facilmente substituir o testemunho do Espírito sobre a verdade da Escritura para o extremo da fantasia emocional e psicológica.

O Cristianismo tradicional tem sempre insistido sobre a natureza pessoal e íntima do relacionamento de Deus com o homem. Porém este relacionamento não nasce da incerteza a respeito da verdade da Escritura. Toda a “interioridade impetuosa” da iniciativa do homem sozinha não pode alcançar o Deus que fala ao homem através de Sua Palavra.

Qualquer reivindicação à proximidade separada da palavra da verdade estabelecida na Escritura, facilmente se torna enganosa, de qual quer modo não relacionada com a realidade da verdade. Se não houvesse verdade estabelecida na Escritura, que garantia poderiam os homens de que a proximidade que eles reivindicam experimentar corresponde à realidade da própria verdade? Por qual padrão devem os homens testar e corrigir esta “interioridade impetuosa?” Como os homens sabem que estes envolvimento constituem a verdade?

Obviamente, o único padrão do existencialismo para testar sua “interioridade impetuosa” é seu próprio comprometimento impetuoso. Porém visto que os homens pecaminosos são inclinados a perverter a verdade, esta proximidade pode apenas deixar o homem num estado de incerteza total. A menos que o homem tenha acesso direto à verdade dada normativamente por Deus pela qual os homens podem testar e corrigir seus próprios sentimentos falíveis, eles são deixados às suas próprias imaginações. Quando o existencialismo declara que a única certeza que o homem tem está em seus próprios envolvimento impetuosos, ele o expõe a mil e uma reivindicações falsas para conhecer Deus de alguma outra maneira em vez daquela revelada na Escritura.

A própria natureza do homem pecaminoso envolve restrições e limitações à natureza da comunicação divino-humana. Uma das principais preocupações da igreja Cristã deve ser pela genuinidade da comunhão com Deus, por causa da possibilidade de uma contrafação no próprio ponto onde a verdade e a integridade de caráter são tão essenciais. A igreja não deve aprovar qualquer proximidade cujo padrão não possa resistir o teste da Palavra de Deus. A comunhão Bíblica com Deus traz a mente e a vida para a harmonia com a verdade dada da Escritura. Aqui o homem obtém seu verdadeiro ser e o propósito da revelação de Deus é realizado. Aqui existem categorias eternas que não precisam de demitologização. Estas categorias pertencem aos homens em todas as eras.

Na Escritura, quando Deus condescende em Se aproximar do homem através do Espírito, do profeta, ou do apóstolo, a compreensão da mente do conhecimento racional dado por Deus é aumentada e esclarecida. Em toda parte o Espírito confirma a Palavra. Ele insiste que o Deus Homem que reivindica Se encontrar é o Deus da Escritura.

O existencialismo rejeita *a priori* o conhecimento de Deus na Escritura a favor de uma proximidade interior. Agindo assim, ele está em grave perigo de se tornar vítima de outros poderes sobrenaturais que lutam contra Deus.

Os homens chegam a um relacionamento verdadeiro com Deus dentro de uma estrutura conceitual de referência pela Palavra inspirada de Deus. Deus chega ao homem em Sua Palavra através do Espírito Santo. As categorias racionais da verdade não são reduzidas. Em vez disso a mente é exercitada de tal modo que, por meio de um conhecimento de Deus digno de confiança, o homem possa escolher a verdade inteligentemente e se tornar envolvido com sua salvação final.

¹ Søren Kierkegaard, *Concluding Unscientific Postscript*, Book Two, Part Two, Chapter II, “Truth Is Subjectivity.”

² Kierkegaard, *Ibid.*

³ Kierkegaard, *Ibid.*

⁴ Kierkegaard, *Concluding Unscientific Postscript*, Book Two, Part Two, Chapter III, “The Subjective Thinker.”

⁵ Kierkegaard, “Truth Is Subjectivity.”

⁶ Martin Buber, *I And Thou* (Traduzido por Ronald Gregor Smith, Edinburgh, 1937).

⁷ Emil Brunner, *Revelation And Reason*, Philadelphia, Westminster Press, 1946, p. 206.

⁸ Brunner, *The Divine-Human Encounter*, London: S.C.M. Press, 1944, pp. 46-47.

⁹ Isaías 8:19, 20.

Alvos e Valores Espirituais do Existencialismo

Jean R. Zurcher

A filosofia existencialista mantém hoje um lugar importante, quase irresistível, em nossa sociedade. Além disso, existe o sentimento que ele está destinado a exercer num futuro próximo uma influência cada vez mais profunda sobre o pensamento e a conduta das massas dos nossos semelhantes, assim como sobre a filosofia, literatura, ou teologia. Alguns se alegram com isto, e outros o deploram. A fim de formar uma opinião objetiva sobre o assunto, é necessário fazer um exame minucioso de ele. Abordaremos o problema primeiro tentando definir a filosofia existencialista negativamente, isto é, explicando o que ela não é. Então seremos capazes de explicar precisamente seus alvos, e finalmente tocaremos um pouco em seus inquestionáveis valores espirituais.

I. O Que a Filosofia Existencialista não é

Para estar apto para julgar a filosofia existencialista em seu verdadeiro valor, pelo menos cinco erros devem ser evitados.

1. *Existencialismo, Moda ou as Excentricidades de Nosso Tempo*

O primeiro, o erro mais imaturo e mais comum, consiste em julgar a filosofia simplesmente de acordo com as aparências, de acordo com certas excentricidades mundanas que não possuem nenhum laço filosófico com o existencialismo autêntico. De fato, é fácil se lembrar da moda lançada por um certo seguimento de jovens estudantes que frequentavam os cafés Parisienses e se auto intitulavam existencialistas simplesmente porque eles pairavam ao redor de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. O existencialismo que estava na moda era então a extrema insensatez do século, e se ele contribuía para tornar conhecido ao público o nome da mais recente filosofia era verdadeiramente pela maior parte prejudicial para a própria filosofia existencialista. Pois, um existencialismo adotado porque é falado sobre ele na cidade pode não ser nada mais que uma caricatura do existencialismo verdadeiro.

2. *Literatura Existencialista, ou o Triunfo do Desespero*

Não seria sábio fazer uma avaliação geral do existencialismo, como uma filosofia, de acordo com a tendência literária que reivindica este título. Pois quando ela deixa a sociedade dos filósofos para se iniciar no mundo governado pelo novel, o pensamento existencialista se encontra profundamente alterado. Sem negar a qualidade de alguns destes autores, ainda devemos reconhecer que esta tendência literária, se torna angústia, insensatez, e inutilidade para a urdidura e textura da existência, retendo apenas a faceta puramente negativa da filosofia existencialista; e esta é uma declaração generosa. Quanto a um julgamento total desta literatura, isto é o que um competente crítico disse:

No topo da concepção trágica de nossa era tem proliferado uma literatura obscura e obscena, na qual a verdade filosófica é sistematicamente buscada no nível do abominável, no qual um reconhecimento lúcido da desordem tem se tornado uma declaração do mal, desespero para dentro da violência, embriaguez sensual para dentro de uma loucura erótica, e frequentemente, desgosto com a vida para a obsessão pelo suicídio.¹

Ora, precisamente nada tem feito mais para aumentar o prestígio do que é crido ser o existencialismo do que esta eclosão dos novéis; nada feito mais para assegurar seu triunfo do que esta literatura do desespero. Obviamente não é necessário explicar por que não estamos lidando com este tipo de existencialismo neste ensaio.

3. *O Existencialismo de Sartre, ou a Filosofia do Absurdo*

Um terceiro erro amplamente espalhando é esse de avaliar de modo geral o existencialismo de acordo com a nossa opinião pessoal de seus representantes individuais. E quando o existencialismo não é julgado de acordo com as excentricidades da moda ou da literatura, muitas pessoas imediatamente pensam em Jean Paul Sartre. Ele parece ser o melhor representante do existencialismo de hoje; primeiro, porque ele passou pelas dores de representar seu pensamento num sistema de doutrinas; em segundo lugar, porque ele sabia como propagar suas ideias do lado de fora dos círculos filosóficos, usando os métodos de propaganda mais eficientes: criticismo literário, histórias curtas, novelas e teatro, e assim se tornar a fonte de inspiração para as tendências literárias mais populares. Entretanto, para ser honesto, temos que admitir que exceto a popularidade esperada e o tumulto daquilo que estava na moda, o existencialismo autêntico não deve nada a Jean-Paul Sartre. Não é nossa mínima intenção excluir Sartre do existencialismo, “porque a ferida de sua influência mundial é culpa de reivindicar fraudulentamente uma identidade.”² Mas é lógico que o pesquisador sério deve se colocar objetivamente em guarda contra a tendência amplamente espalhada para reduzir quase automaticamente a filosofia em questão “a esta mistura de existencialismo e inexistencialismo que o torna Sartrismo.”³ Não apenas o último não é uma expressão fiel do pensamento existencialista, mas antes uma consequência, ou como Emmanuel Monnier coloca tão bem, “o último cala boca de uma das tradições existencialistas, tradição que se originou com Heidegger e que formou uma oposição radical aos fundadores da filosofia moderna da existência.”⁴

4. *Filosofia Existencialista ou uma Nova Maneira de Filosofar*

Um quarto erro que é frequentemente cometido por aqueles que condenam o existencialismo, é ele estar totalmente correto ou totalmente errado. Podemos dar-lhe as boas-vindas ou deplora-lo, mas não podemos negar que esta filosofia representa o modo literário, filosófico, e teológico mais moderno de pensar, e é ao mesmo tempo a expressão mais autêntica, realística, e ocasionalmente a mais desumana da era em que vivemos. Tentar ignorar este fato é um dos erros mais sérios que pode vir de alguém que está tentando precisamente obter uma audiência dos homens deste século. Falar a linguagem de seus contemporâneos, usar o vocabulário das pessoas de seu tempo, prover respostas para as preocupações filosóficas de seu século: estas são algumas das características da pregação do grande apóstolo Paulo. Porém, temos aqui mais do que uma questão de método. Um estudo mais profundo do existencialismo é muito necessário, visto que suas origens devem ser encontradas no pensamento Cristão e visto que, em certos casos, seus representantes reivindicam ser a testemunha mais fiel do Cristianismo.

5. *Existencialismo ou Outra Maneira de Falar Sobre Cristianismo*

Existe uma confusão deplorável precisamente entre o existencialismo e o pensamento Cristão que devemos fazer o nosso melhor para não fomentar. Quanto mais alguém for capaz de avaliar corretamente quanto o pensamento teológico contemporâneo deve ao existencialismo, mais fácil é cometer esse erro. Entretanto, seria um sério equívoco não ver que a identidade é essencialmente válida em relação à forma de pensamento e existe frequentemente uma distinção radical no significado fundamental. Ninguém dúvida das origens Cristãs do existencialismo, e que Kierkegaard estava perfeitamente certo em

apresentar a verdade Cristã como o modelo da verdade existencial. Porém, isto é razão suficiente para concluir que o existencialismo é apenas outra maneira de falar do Cristianismo?

Esta certamente era a primeira intenção do pai do existencialismo. Conhecemos os sofrimentos que Kierkegaard enfrentou tentando restabelecer o espírito do Cristianismo autêntico. Visto que ele sentiu que, sob a influência dos grandes filósofos Protestantes tais como Kant e Hegel, o espírito da Reforma tinha sido coberto pela tendência racionalista que era a corrente filosófica e pensamento teológico que o estava varrendo em seu rastro. Desejoso de seguir a obra de Lutero, Kierkegaard reagiu contra esta alteração do espírito da Reforma e retornando ao pensamento original do Cristianismo, ele esperava hastear a bandeira para uma nova Reforma.

Mas ó, o existencialismo não é limitado ao pensamento de Soren Kierkegaard, nem à expressão puramente Cristã de seu pensamento. Outros ramos têm brotado do tronco comum, e mesmo que mantivéssemos o ramo alimentado pela seiva Cristã, ainda teríamos que admitir que ele não brotou dos Cristãos que estão seguros e calmos em seu edifício doutrinário. Se o existencialismo fosse a expressão autêntica do pensamento Cristão, teríamos tal cor peculiarmente Protestante com Kierkegaard, Católica com Gabriel Merce, Ortodoxa com Berdyaev e Judaica com Buber?

Temos dito o suficiente, pressentimos, sobre a necessidade de uma infinita quantidade de cautela a fim de fazermos uma avaliação objetiva da filosofia existencialista. Seria injusto tomar uma decisão baseada nas aparências, ou julga-lo apenas do ponto de vista do seu lado negativo explorado por um ramo da literatura. Seria igualmente triste fomentar preconceitos contra ele baseado num caso em particular, ou condenar todo o sistema em massa sem nem mesmo assumir o incômodo para examina-lo antecipadamente. Porém o erro mais sutil, até onde podemos ver, seria não discernir os limites entre o pensamento existencialista e o pensamento Cristão com o pretexto que o primeiro se originou no último, ou simplesmente porque do começo ao fim de todas as variações do pensamento existencialista, uma forma de pensamento eminentemente Cristã deve ser encontrada.

II. Alvos Do Existencialismo

Tão precária quanto a conexão entre as diferentes tradições existencialistas possam ser, todavia elas têm em comum uma certa maneira de expor problemas, uma certa solidez nos assuntos que elas escolhem, uma certa busca por alvos comuns que nos permitem falar de elas de um ponto de vista global.

1. O Homem Como Um Indivíduo

E desse modo, em termos muito gerais, podemos caracterizar a filosofia existencialista –

como uma reação da filosofia do homem contra o excesso da filosofia das ideias ou da filosofia das coisas. Nele, não é tanto a existência em toda a sua extensão, mas antes a existência do homem que é o primeiro problema da filosofia. Ele acusa a filosofia tradicional de tê-lo muito frequentemente apreciado mal, para se voltar para a filosofia do mundo ou dos produtos da mente.⁵

A filosofia moderna tem sido um humanismo, que é uma filosofia do homem, mas do homem de uma maneira geral, o homem como um ser dotado de razão. Em vez do homem, ele tinha considerado a razão humana. Ora, o mérito dos filósofos existencialistas era precisamente lembrar o humanismo da existência do homem. Completamente contra o racionalismo de Hegel, completamente contra a ideia que o objeto da filosofia é a razão em sua universalidade, Kierkegaard foi o primeiro a se opor àquilo que ele próprio chamou de filosofia existencial, isto é, uma filosofia que considera acima de tudo o indivíduo, o indivíduo humano individual em sua vida tangível, não reconhecendo o individual, o objeto do pensamento, mas o indivíduo existente, com seu sofrimento, sua angústia e sua paixão. Porque existir, como ele diz, é acima de tudo ser um indivíduo. O que é essencial, não é portanto um princípio geral, a Razão universal, a Humanidade ou o Homem com um capital, ou até mesmo a natureza humana naquilo que ela tem em comum com todos os indivíduos, mas o homem tangível, o indivíduo humano. Por esta razão, Berdyaev foi capaz de afirmar:

A filosofia existencialista é uma filosofia personalística: o objeto do conhecimento é a pessoa humana.⁶

2. *Prioridade da Existência*

Mas se ele for antes de tudo uma reversão ao homem e até mesmo ao homem tangível, o existencialismo é mais do que apenas isso. O que é interessante no homem, o que forma o objeto principal de sua pesquisa, é a existência. Desde os seus próprios inícios, o existencialismo foi caracterizado por sua tendência para acentuar aquilo que existe, ou ainda melhor, a existência daquilo que existe. Não é o ser individual que deve ser atingido, mas preferivelmente sua existência. Apenas esta existência prove o ser verdadeiro. Todo objeto é primeiro um objeto existente. A existência é o que atualiza a essência do homem. Nossas palavras provam isto. Quando dizemos: “Eu sou um homem,” o “Eu sou” afirma a existência; “homem” designa a essência. No homem, portanto, a existência precede a essência e esta afirmação, com suas variações compõe a tese fundamental de todos os existencialistas.

Antes da chegada do existencialismo, a filosofia sempre tinha julgado que a essência de uma coisa era anterior à sua existência. Consequentemente era ensinado que o homem individual era derivado do conceito de homem, o qual é encontrado na inteligência divina, ou simplesmente o que compõe a natureza humana, da qual todo homem é um exemplo. Porém uma vez mais o existencialismo desnorteia a relação estabelecida entre a essência e a existência pela filosofia. Existe pelo menos um ser cuja existência precede sua essência, um ser que existe antes de ser apto para ser definido por algum conceito: Este ser é o homem. O homem existe antes de tudo, ele aparece no mundo, e somente depois ele pode ser definido. O homem é antes de tudo coisa nenhuma; ele será depois de ser nada, e ele será aquilo que fez de si próprio. Este é o princípio básico da nova filosofia.

3. *A Existência Está na Interioridade*

Mas o que deve ser entendido por “existência?” A resposta não é fácil, pois a menos que entendamos o homem existente, a existência sempre será uma pura abstração. No vocabulário existencialista, *existir* não é um sinônimo de *ser*. *Ser* designa um estado, enquanto *que existir* designa um ato. A existência é o próprio ato pelo qual a passagem da possibilidade para a realidade é realizada. Ora, é somente o homem quem pode executar este ato, porque somente ele, no mundo de nossa experiência, é livre, e também porque somente ele é um objeto consciente. A natureza é, porém *não existe* por um ato mental do objeto que pensa e faz existir. Entendendo a si mesmo na consciência do eu, o objeto entende a si mesmo existindo, ele entende sua própria existência. Isso é porque todo objeto é um objeto existente; a existência é o próprio objeto em sua interioridade. Para os filósofos existencialistas, a única objetividade verdadeira é portanto sua própria subjetividade, porque é nas profundezas de si mesmos, em sua interioridade, que eles descobrem a única realidade verdadeira, a existência. Existir é a sua principal preocupação, a existência seu interesse supremo.

4. *O Homem e Sua Formação*

A existência é portanto composta da interioridade; ela é o ato pelo qual o objeto compõe a si mesmo e forma sua própria essência. Contudo, este ato pressupõe liberdade. Somente aquele que escolhe livremente por si mesmo existe autenticamente; somente aquele que compõe a si mesmo de acordo com a imagem da pessoa que ele deseja ser. E consequentemente a escolha nunca é de uma vez por todas: alguém não pode se ancorar na existência como estando numa posição que foi adquirida de uma vez por todas. Aquele que está existindo e que se estabiliza na categoria em que ele desejava se tornar se transforma num objeto e por esse mesmo ato deixa de existir. Ora, a existência é aquilo que nunca se torna um objeto. Somente podemos falar de ela em termos de saltar para fora. Ela é a aparência exterior consequente daquilo que o objeto pensa e faz. Em resumo, a existência é o homem em seu tornar-se, em seu esforço incessante para sobrepujar aquilo que ele é. Consequentemente, o existencialismo coloca sobre os ombros do homem não apenas a inteira responsabilidade por aquilo que ele é, visto que ele é o que faz de si mesmo, mas também por seu próprio destino.

5. *A Concepção Dramática do Destino do Homem*

Esta responsabilidade explica, por um lado, a importância harmonizada com o problema da liberdade por todos os filósofos existencialistas, bem como explica, por outro lado, a concepção singularmente dramática da existência humana que caracteriza todos eles. De fato, com o próprio sentimento vívido que ele tem de compor-se, o pensador existencialista não pode permanecer no nível da especulação abstrata e teórica: ele vive seu pensamento, ele é o último que o engaja diretamente, ele pode apenas tomar sobre si as diferentes situações de sua existência. Um exemplo: Sócrates de quem Kierkegaard faz um modelo do pensador existencial. Ele chegou à conclusão sobre a imortalidade através de um dispositivo, mas a este dispositivo ele entrega sua vida, assumindo a morte com toda liberdade. Isto é viver autenticamente. Mas para fora desta obrigação flui da vida, por diferentes razões, a angústia que é tão característica de todos os existencialistas bem como seu entendimento basicamente trágico do destino do homem.

Isso é, resumidamente, o que os representantes da filosofia existencial têm em comum. É verdade que a respeito de cada um dos vários pontos deste objetivo comum, as opiniões são infinitamente variadas. Não podemos revisar cada um dos diferentes aspectos para tentar pegar um aqui, outro ali. Nosso julgamento pode apenas ser geral e tocar uma forma de pensamento que todos os filósofos existencialistas têm em comum, em vez de todos os seus diferentes sistemas completamente. Além do mais, o valor essencial do existencialismo para nós deve ser encontrado neste julgamento geral.

III. Valores Espirituais Do Existencialismo

Não podemos discutir aqui o valor do existencialismo como um todo, nem mesmo tomar algumas das críticas mais justificadas que são comumente feitas a respeito de ele. Nenhum sistema particular pode ser aceito sem reservas, e alguns de eles – e isto inclui os mais amplamente conhecidos, aqueles de Heidegger e Sartre – são afetados com uma falha básica. Estes, porém, estão na essência do pensamento existencial, são verdades de importância capital que vêm diretamente do Cristianismo. Um dos méritos dos filósofos existencialistas é precisamente os terem trazido para a vanguarda, e ao fazerem isto, trouxeram a teologia contemporânea a um entendimento melhor do pensamento Bíblico, particularmente na área da antropologia Cristã.

1. *O Conhecimento do Homem Como Um Indivíduo*

E conseqüentemente o principal valor do existencialismo para nós é encontrado no próprio objeto de seu estudo mais importante e na maneira em que este estudo foi conduzido: o homem, o homem como um ser tangível, o indivíduo existente, o individual, a personalidade humana. A Bíblia não reconhece nenhum outro além deste. Nela não existe conhecimento do homem como tal. Os escritores sagrados eram totalmente ignorantes a respeito de um conhecimento abstrato, teórico da natureza humana, o produto das especulações filosóficas. Sua representação do homem é excitantemente realística, e é sempre o esboço da vida real dos tipos de homens cujos nomes conhecemos. Esta é uma verdade tão essencial que a imagem ideal, a estatura perfeita do homem, está na vida encarnada de Jesus Cristo, a qual significa que a definição da concepção do homem, de acordo com a Bíblia, pode ser baseada apenas na realidade viva de indivíduos existentes.

A filosofia existencialista tem mostrado uma notável perspicácia ao explorar seu próprio uso desta verdade Bíblica fundamental. E desse modo ele nos apresenta uma representação do homem radicalmente diferente daquela da filosofia clássica, e como resultado todos da teologia Cristã, tem nos saudado. Através desta observação dos homens, os filósofos existencialistas nos conduziram a uma antropologia notavelmente semelhante àquela da Bíblia a qual também está em harmonia com uma observação realística dos fatos. Consideramos que este resultado seja o principal e mais importante mérito do existencialismo.

2. *Pensamento Bíblico Basicamente Existencial*

A preeminência da existência é sem sombra de dúvida outra noção Bíblica acrescentada pela filosofia existencialista. É afirmada na primeira menção da Bíblia sobre o homem, quando o autor de Gênesis

define o homem como “uma alma vivente.” O drama do homem, do qual a Bíblia está repleta de *Gênesis a Apocalipse*, não é nada menos que um drama existencial. Tudo, absolutamente tudo, se concentra num problema de existência. O próprio Deus apresenta Sua auto definição como Aquele que Existe *por excelência*: O Eterno. Ele chama a si mesmo de “Eu Sou o que Sou.” Em oposição aos ídolos Ele também é chamado de “o Deus vivo.” A encarnação da Palavra é, no mais elevado grau, uma demonstração da base existencial do Cristianismo. Para a salvação do homem, Ele foi feito “espírito doador de vida.” Cristo não somente Se apresentou como “Aquele que vive,” “o Príncipe da vida,” mas como sendo a própria vida.

A característica existencial também é encontrada na verdade Bíblica. Ela se assemelha não à última especulação abstrata da filosofia ou mesmo à teologia tradicional. A verdade Bíblica apenas faz sentido na extensão na qual ela é vivida. O próprio Cristo deu o exemplo: “Em conformidade com o que Ele ensinava, vivia... Assim, em Sua vida, as palavras de Cristo tiveram perfeita ilustração e apoio. E mais do que isto: Ele era aquilo que ensinava... Não somente ensinava Ele a verdade, mas era a verdade” (Educação, p. 78, 79). O mesmo princípio é válido para Seus discípulos: “Somente aquele que faz a vontade de Meu Pai que está no céu,” disse Jesus, pode reivindicar Seu nome. Somente aqueles que ouvem a verdade e a praticam são Seus irmãos e irmãs autênticos. Em seu hino sobre o amor, Paulo contrasta a inutilidade do conhecimento teórico com o único valor real do conhecimento prático. A verdade é realmente conhecida somente quando ela se torna vida interior.

E aqui temos outro mérito existencialista, esse de ter compreendido a base existencial da verdade Cristã, verdade que é comunicada mais pelo testemunho do que pela razão. Kierkegaard, considerava especialmente, a verdade Cristã como sendo a categoria da verdade existencial. Para ele, o “como” alguém se adere à verdade parece menos importante do que o “que” é recebido como verdade. Ele sentia que a verdade conhecida ou memorizada não é nada mais que um cadáver – um objeto sem valor. A importância se encontra não tanto na verdade como na atitude do conhecedor. Sem a atitude interior, o conhecimento é vão, ele escoa para o simples ato do conhecer. Ele até mesmo diz: “Não é a verdade que é verdade, mas é a linha de conduta que é a verdade, isto é, a verdade é apenas tornar-se, no processo da apropriação.”⁷

3. *A Noção de Tornar-se*

A noção de tornar-se é outro valor Bíblico afirmado vigorosamente pela filosofia existencialista. Não é segredo como este problema do tornar-se Cristão ocupou os últimos anos da vida de Kierkegaard. Foi em nome deste princípio que ele denunciou como a mais formidável ilusão dos tempos modernos a ideia que o Cristianismo é a mesma coisa que Críandade, que todos os habitantes de um país são Cristãos por causa do único fato de terem sido batizados, e que eles não precisam se tornar Cristãos. Em nome do mesmo princípio, ele também falou contra o ultraconservadorismo da Igreja estabelecida, oficial, nacional, sendo concomitante com o Estado. Pelo contrário, a Igreja verdadeira é uma Igreja que está se tornando, ele diz, justamente como cada um dos seus membros deve ser.

Precisamos demonstrar quão corretas são estas afirmações ou enfatizar quão bem refletem uma das características dominantes do conceito Bíblico do homem?⁸ A história da criação marca conspicuamente o privilégio conferido à criatura humana – “...e o homem se tornou uma alma vivente.” Esta expressão indica claramente que o homem não existe como um objeto, que ele não é uma certa substância de ser, mas sim uma alma cuja existência depende a cada momento da atividade através da qual ele se torna, uma alma que não apenas tem vida, mas é em si mesma vivente. Em outras palavras, o homem não veio das mãos do seu Criador como um ser completo, possuindo desde o começo um caráter adquirido, uma personalidade bem determinada, em uma palavra, uma essência imortal. A perfeição do homem não se encontrava terminada, completa concedida desde o princípio pelo Criador, mas sim com a possibilidade de um desenvolvimento infinito, que a própria eternidade não pode exaurir. Levar a cabo o seu ser, tornar-se, como ele era, tornar-se um ser à semelhança de Deus, este é o privilégio do homem bem como a graça especial do Criador. Porque ao cria-lo, Deus deu ao homem as possibilidades necessárias para atingir toda a plenitude à qual ele estava destinado, providenciou para que a criatura livre consentisse e cooperasse na realização do Seu plano para ele.

A prova do Jardim do Éden deve ser considerada nesta luz, bem como a peregrinação dos filhos de Deus desde a queda, a santificação de Jesus por aqueles que obedecem e nunca termina de aperfeiçoar aqueles que desejam ser iguais a Ele. Deus concedeu ao homem a graça de se tornar aquilo que ele resolveu ser. Pelo consentimento como o plano de Deus e sua cooperação com o poder divino, o homem tem a possibilidade de se criar como aquilo que ele deseja ser, para operar sua transformação de acordo com a representação que ele faz do seu modelo, participando da própria vida do seu Criador.

Esta ideia do homem de se tornar progressivo, essa do Cristão incluído, esta ideia de uma maturação, de um desenvolvimento necessário e de uma transformação prevista por Deus na economia primitiva, de tal modo que o homem pudesse atingir a maturidade, sua plenitude, sua forma como filho de Deus, se sobressai muito claramente na concepção geral Bíblica do tempo e da história. O processo da revelação gradual, assim como a compreensão progressiva do plano da salvação, confirma esta lei do tornar-se porque todas essas coisas tocam o ser do homem. A ética Cristã é fundamentada sobre este princípio; ela é a forma mais elevada da ética sem limite predeterminado. Ela não fixa a consecução de um alvo, não voa horizontalmente para o Cristão; longe de parar, em sua marcha adiante, todo progresso se torna um meio de ir mais para o alto, de sempre se aproximar mais do ideal. O Cristão jamais pode estar contente com aquilo que ele é visto que lhe é dito para ser perfeito com o seu Pai celestial é perfeito.

4. *Realismo Existencialista e Seu Significado Teológico*

Para completar, apenas no que diz respeito à antropologia, devemos adicionar umas poucas linhas acerca da concepção particularmente dramática do destino do homem encontrada nos escritos dos filósofos existencialistas, concepção que não é inteiramente estranha à noção Bíblica do homem, uma criatura mortal, tirado do nada, ameaçado a retornar ao nada a cada passo, e até mesmo mais, sobrecarregado com uma imperfeição original que torna a morte inevitável. Nenhuma filosofia jamais compreendeu com mais realidade esta fragilidade natural do homem, as razões para sua angústia localizada profundamente e seu sentimento trágico a respeito da vida frente à morte e o nada. Não existe problema para entender como os pensadores existencialistas de tendência ateuista não puderam fazer nada melhor do que se lançar para o nada, não ser fiel a coisa nenhuma, abraçar alegremente a morte ou a absurdidade e considerar que “a história de qualquer vida é a história de uma falha.”⁹

Seja como for, mesmo este aspecto negativo do existencialismo contém alguma coisa interessante para o conhecimento do homem individual. Toda esta realidade humana composta de miséria, angústia, contradição, vaidades, sobre a qual os autores existencialistas têm tomado tanto tempo para escrever tão fielmente e tão precisamente, algumas vezes até mesmo brutal e cinicamente, ilustra perfeitamente o que a Bíblia nos diz sobre o homem natural, separado de Deus e em revolta contra Ele. A percepção desta situação trágica do homem natural, abandonado às suas próprias forças e impotente porque ele está “vendido para o pecado,” levou Paulo a exclamar num grito estranhamente existencialista: “Miserável homem que eu sou! Quem me libertará do corpo sujeito a esta morte?” Contudo, o apóstolo não pára com o grito angustiado dos escritores de desespero; pelo contrário, ele conhece o remédio, e ele se apressa para apresentá-lo: “Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!” (Rm 7:14-25).

5. *A Existência de Deus e Suas Relações Com o Homem*

Esta referência a Deus, e ao Deus de Jesus Cristo, leva-nos naturalmente ao mais importante valor, do qual todos os dependem: a existência de Deus e Suas relações com o homem. Sobre este ponto mais importante, é suficientemente verdadeiro, os pensadores existencialistas terem uma atitude radicalmente divergente. E aqui, para cada um de eles, o teste de autenticidade está situado. O assunto a respeito de Deus provê a marca distintiva dos diferentes sistemas existencialistas: aqueles que são verdadeiramente fiéis ao pensamento existencial e aqueles que o traem.

A oposição radical entre o existencialismo e a filosofia clássica que era baseada sobre a razão e teorias abstratas, foi abundantemente enfatizada. Seria adequadamente correto dizer que a nova filosofia tem contradito a teologia tradicional, uma imitação exata da filosofia clássica. Pois assim como ele perdeu o homem, o humano individual, de vista, o humanismo moderno também perdeu de vista a linha de conexão entre Deus e o homem. E foi precisamente a reação de Kierkegaard que marcou tanto um retorno

ao homem individual como um retorno ao Deus da revelação Cristã em quem o homem possui a fonte eterna de sua existência.

De fato, para Kierkegaard, o Cristianismo não assume apenas a existência do homem mas também a existência de Deus. O objeto da fé Cristã, ele diz, é a existência de Deus. Mas aqui novamente, como com o homem, não pode ser uma questão de um Deus abstrato, de um deus da especulação filosófica. É em vão que a última reivindica compreender e demonstrar a existência de Deus. A demonstração jamais pode, além disso, tocar a própria existência. É impossível demonstrar realmente que alguma coisa existe. Nada é mais impróprio do que tentar demonstrar a existência de alguém que existe. Desse modo, para ele, os esforços do pensamento especulativo para demonstrar a existência de Deus não são em nada melhor do que uma zombaria do próprio Deus. E conseqüentemente o Cristianismo repousa, de acordo com Kierkegaard, além de todas as provas racionais da existência de Deus. De fato Deus está em todo lugar na criação, porém Ele não está ali visível diretamente. É somente descendo para dentro de si mesmo, para seu próprio abismo interior, que o indivíduo está preparado para ver a Deus. “Deus discernível no coração,” como disse Pascal, esta é a realidade de Deus de acordo com o existencialismo Cristão. E ainda mais, o fato que Deus tem existido como um homem individual, nascido dentro do tempo, torna o Cristianismo no mais elevado grau uma “mensagem de existência,” uma “mensagem existencial.”

É verdade que neste ponto principal, o existencialismo, com Heidegger e Sartre, não tem sido mantido no curso que seu fundador tinha apontado. Por causa da posição esmagadora conferida ao pensamento destes filósofos, o existencialismo é afetado por uma falha fundamental. Esperando considerar o homem novamente como dependente de ninguém mais a não ser de si mesmo e separando-o de suas relações com Deus, que de acordo com Sartre, nem mesmo existe, estes pensadores têm simplesmente traído as intenções da nova filosofia. Com eles o existencialismo, que nasceu como uma reação vigorosa contra o humanismo moderno, voltou para o humanismo e conseqüentemente corre o risco de ser tragado por esta grande corrente racionalista do pensamento moderno. Tudo depende da solução final que vencerá concernente à importante questão da existência de Deus e Suas relações com o homem.

Se ele escapar desta grotesca pobreza espiritual para onde alguns parecem estar empurrando-o, se ele redescobrir sem jogo de palavras a plenitude da existência, o existencialismo pode renovar a face e o espírito do racionalismo ocidental.¹⁰

Caso contrário, será simplesmente necessário impedir de tomar como a concepção clássica da vida a caricatura que os ateísticos existencialistas propõem.

Mas infelizmente, não podemos deixar de temer que as tendências do existencialismo ateístico estejam vencendo mais e mais, e que, finalmente, o termo possa apenas designar as excentricidades de nossa era, a literatura do desespero, a filosofia do absurdo, e mais tarde até mesmo uma teologia de Cristianismo sem Deus. Neste caso, o existencialismo verdadeiramente será, como já foi afirmado, a mais clara expressão “do colapso doutrinário que caracteriza nossa era,” ou ainda mais “a consciência de uma necessidade” a que o Cristianismo autêntico será de todos o mais bem qualificado para satisfazer-la porque ele não é um estranho ao modo de pensar que favorece tal entendimento. A mensagem do evangelho poderia então ser tão boa, para uma sociedade que tem mantido apenas o aspecto negativo da filosofia existencialista, quanto um remédio bem aplicado pode ser para uma enfermidade que é perigosa mas foi completamente diagnosticada.

Tudo o que o futuro possa ter em estoque para a filosofia existencialista, é não obstante impossível negar a natureza Cristã de sua reação original, que lançou mão, como disse E. Mounier de, “um retorno à religião num mundo que tem tentado encontrar seu significado naquilo que é simplesmente manifesto. O existencialismo Cristão é uma defesa óbvia contra a secularização da fé. *Uma espécie de despertar profético num plano filosófico.*”¹¹ E ele não é totalmente carente de interesse por nós para notar que o início deste despertar está situado exatamente em 1843, o ano da publicação do primeiro protesto do fundador do existencialismo. Portanto não seria injusto reconhecer o extremo valor dos alvos seriamente tentados pelos pensadores existencialistas bem como os valores espirituais das várias verdades Cristãs

sobre as quais esta filosofia foi fundada. Para sermos perfeitamente honestos, devemos adicionar que a teologia contemporânea tem um débito com o existencialismo por várias das suas descobertas mais essenciais, especialmente na esfera de ação da antropologia Bíblica.

¹ P.H. Simon, *l'Homme en Proces*, p. 21, Paris, 1965.

² E. Mounier, *Introduction aus Existentialismes*, p.8.

³ Ibid.

⁴ bid.

⁵ Ibid., p.9.

⁶ N. Berdiaef, *Cling Meditations sur l'Existence*, Editions Montaigne, p. 74.

⁷ S. Kierkegaard, *Post-Scriptum*, p. 50.

⁸ Estudamos esta noção de se tornar Cristão em *Christian Perfection According to the Bible and the Spirit of Prophecy*, Paris, 1965. Ela é particularmente discernível nos escritos da Sra. Ellen G. White.

⁹ J.P. Sartre, *L'Etre et le Neant*, p. 631, Paris, Gallimard, 1943.

¹⁰ E. Mounier, p. 189.

¹¹ Ibid., p. 189, ênfase do autor.

Fé Como Uma Experiência Existencial

Herbert E. Douglass

A fé é demonstrada no Novo Testamento como uma experiência existencial. Porém, a revelação da fé Cristã autêntica expõe um conteúdo de pensamento radicalmente diferente do que é desenvolvido no existencialismo filosófico.

Esta diferença radical entre o existencialismo do Novo Testamento e muito do existencialismo moderno é possível porque o existencialismo é primariamente *uma maneira de pensar* em vez de um sistema de pensamento discreto. Pensadores existenciais podem diferir amplamente seus conceitos a respeito de Deus, da causa para a ansiedade do homem, ou do significado da existência do homem. Contudo, todos eles partilham uma abordagem comum destas questões fundamentais.

Por exemplo, pensadores existenciais, incluindo escritores Bíblicos, concordam, acima de tudo, que existe uma distinção básica entre *essência* e *existência* (isto é, entre os mundos do pensamento e da realidade), e que o mundo da realidade, ou existência, é primário. Eles creem que a verdade a respeito da existência não é compreendida pela mera razão mas pela reflexão da experiência real do indivíduo como uma pessoa esperançosa, temerosa, amorosa, desejosa, ansiosa. A verdade, para os existencialistas, não é compreendida até que o pensador experimente o impacto das questões vitais da existência, tais como a morte e a responsabilidade ética, em sua própria vida de decisão. De fato, a compreensão para os problemas básicos da existência permanece muito elevada para a pessoa que recusa envolver todo o seu eu na tomada de decisão. O afastamento teórico é mera representação quanto questões existenciais estão em risco, e conseqüentemente não conduz à verdade.

Contudo, existe um abismo entre o entendimento Bíblico de Deus, da vida, da verdade, da fé, da subjetividade, da ansiedade, da morte, da essência e existência e aquilo que os existencialistas filosoficamente orientados pretendem. O conteúdo do pensamento autêntico da fé do Novo Testamento é radicalmente diferente do de Sartre, Camus e Heidegger, por um lado e o de Tillich e Bultmann de outro, porque a experiência existencial da fé Cristã autêntica é, como desenvolvida no Novo Testamento, *sui generis*. Ela é única primariamente porque a experiência é iniciada em Deus e não iniciada no homem.

Embora os escritores Bíblicos concordem com a maioria dos outros existencialistas que a verdade deve ser apropriada interiormente, que o homem é único e não deve ser desumanizado dentro de unidades organizacionais ou meramente biológicas, que a ansiedade deve ser reconhecida e tratada construtivamente, que a crença em Deus não está no fim do esforço racional, etc., a diferença vital e consequentemente fundamental que surge e torna a Bíblia única é que os escritores Bíblicos insistem que o homem não pode responder as questões básicas da existência pela própria autorreflexão ou mera tomada de decisão. A fé Cristã inicia como uma resposta pessoal a um Deus auto comunicador e o conhecimento obtido através deste encontro é tal que ele não pode ser aprendido de outra maneira a não ser esta, nem através da razão, intuição, sentimento, ou pesquisa histórica.

Para o homem de fé autêntica, a existência precede a essência. Apenas o Cristão conhece o significado e propósito da existência humana mas este conhecimento é seu somente depois que ele compreende que é uma pessoa responsável (isto é, alguém capaz de responder), e que ele tem ansiedades inescapáveis até que ele seja reconciliado com o seu Criador e Senhor. Mas esta informação sobre sua natureza essencial não é uma questão da razão ou mesmo da aceitação passiva do testemunho de qualquer outra pessoa. É um conhecimento que vem a ele, que o apreende – não conhecimento que ele “descobre” ou percebe pelos métodos normais da atividade mental.

Fé – Um Relacionamento entre Pessoas

Pistis (fé) do Novo Testamento é empregada para descrever este relacionamento correto do homem responsável ao Senhorio do Deus auto comunicador. Teologia, como estabelecida na Bíblia, é a história de um relacionamento pessoal entre o Deus Criador, a Pessoa Eterna, e homens e mulheres que foram criados para ser Suas contrapartes pessoais. Não importa a natureza da resposta do homem à auto comunicação de Deus, ele não pode deixar de estar em alguma espécie de relacionamento com o seu Criador. Ele não pode ignorar o chamado de Deus; o homem pode ser responsivo ou não responsivo, mas não sem resposta. O homem é sempre responsivo.

Desde o momento da criação a dialética infinita da parte de Deus tem sido por um lado a autoafirmação de Deus como Alguém Santo (Alguém para quem não existe outro), e por outro lado a auto comunicação de Deus, como Alguém que ama incondicionalmente. Da parte do homem quando ele responde a esta dialética eterna na natureza de Deus, a ênfase é Senhorio e Companheirismo – os temas centrais da Bíblia e todo o assunto da proclamação Cristã.

Porque Deus pode ser Senhor apenas sobre aqueles que são capazes de responder com suas decisões e lealdades, Ele fez o homem “à Sua imagem” para que pudesse haver companheirismo entre eles. Deus pode estar em comunhão somente com pessoas que podem responder ao Seu amor com amor. Desse modo o destino do homem era existir como uma pessoa amorosa, um ser em relacionamento correto com todas as outras pessoas. O homem, em sua liberdade, foi bem sucedido e cumpriu seu destino somente enquanto ele permaneceu em acordo com sua natureza essencial como criado por Deus. Ao substituir este destino original por algum outro de sua própria criação estava se rebelando contra a vontade de um Deus pessoal. Quando a “existência para amar” não se tornou “existência em amor” o companheirismo original entre Deus e o homem foi rompido; o homem tinha se afastado de Deus como seu Senhor e se colocado como autônomo.

Todavia, como o homem foi por natureza criado para se relacionar com os outros (isto é, uma essência que cumpriu seu propósito na espécie correta de existência), ele não poderia livrar-se de seu relacionamento essencial com Deus mesmo embora ele fizesse o seu melhor para ignorá-lo ou evadir-se de ele. O homem continuou responsável porque sua fuga de Deus foi uma decisão pessoal (uma decisão existencial) e porque, em sua rebelião, Deus não o deixou “sem perdão.” De muitas maneiras, Deus tem lembrado o homem de seu vigor, e também do Seu contínuo desejo por companheirismo.

Desse modo, o alvo da auto comunicação de Deus tem sido procurar obter de volta a livre resposta de confiança, amorosa dos seres humanos. Sua Palavra vai e a fé responde: o ato pessoal de fé se torna correlato ao ato de auto comunicação de Deus. Esta transação pessoal de companheirismo não é a mera aceitação de alguma coisa que aconteceu no passado. Ela não é o consentimento mental às mesmas declarações verdadeiras de Deus. A fé autêntica é um acontecimento contemporâneo na vida dos

discípulos modernos nos quais a Palavra (a comunicação pessoal da auto comunicação de Deus) fala hoje através da Palavra da História e da Palavra do Espírito tão vividamente como no passado. Nesta experiência um homem responsivo *sabe* que Deus o aceitou como um filho perdoado com a mesma autenticidade comparável compartilhada por qualquer um dos escritores dos evangelhos.

Ellen G. White entendia bem esta natureza existencial da fé, que a experiência de fé repousa sobre o nível existencial em vez de sobre o intelectual:

A fé que opera salvação, não é mero assentimento intelectual à verdade. Aquele que espera inteiro conhecimento antes de exercer fé, não pode receber bênção de Deus. Não basta crer no que se diz *acerca* de Cristo; devemos crer *nEle*. A única fé que nos beneficiará, é a que O abraça como Salvador pessoal; que se apropria de seus méritos. Muitos têm a fé como uma opinião. A fé salvadora é um ajuste pelo qual aqueles que recebem a Cristo se unem a Deus em concerto. Fé genuína é vida. Uma fé viva significa acréscimo de vigor, segura confiança pela qual a alma se torna uma força vitoriosa. (Itálicos no original.)¹

O Relacionamento da fé Revela a Verdade sobre o Homem e Deus

Ligando fé com conhecimento alguma outra coisa além da cognição normal está sendo considerada; a fé autêntica não é alcançada por meios intelectuais normais ou por processos intuitivos. Deste ponto de vista, o homem de fé, em vez do conhecedor, se torna conhecido e Deus é o conhecedor. O que a fé aprende é aquilo que Deus tem falado com autoridade única e a melhor resposta do homem é crer naquilo que ele ouve – uma crença que conduz a uma maneira inteiramente nova de se relacionar com a realidade, ou existência. Ellen G. White enfatiza frequentemente que “é contrição e fé e amor que habilitam a alma a receber sabedoria do Céu. Fé que opera por amor é a chave do conhecimento, e todo que ama ‘conhece a Deus.’ 1Jo 4:7.”²

Primeiro, fé é estar consciente que Deus é o Senhor que Ele merece tanto obediência como Amor, que merece uma confiança que responde e ama. Quando Deus diz: “Eu sou o Senhor teu Deus, o Criador,” isto significa “Tu és minha propriedade.” Existe alguma coisa inerentemente absurda quando um ser criado escolhe desconsiderar o desígnio do seu Criador para sua vida. Mas entender Deus como Senhor sem conhece-Lo como Amor subjugaria o homem e o levaria ao mais profundo desespero. No centro da apresentação Bíblica da salvação está a fé como a resposta do homem a Deus que exige e assegura. O homem ouve Deus chama-lo, não como mera propriedade, mas como Seu filho, aceito com todos os privilégios de um filho. Desse modo o Senhor Santo também é o Pai Amoroso. Esta informação é conhecida com certeza apenas pelo homem de fé.

Mas existe mais do que ser instruído. Fé é também a consciência do estado do homem como rebelde. Antes que Deus seja conhecido como Senhor, o homem não conhece outra autoridade a não ser a sua própria à qual ele é responsável. Mas no ato de fé o homem aprende Quem somente é Aquele que tem o direito a chama-lo para prestar contas. Afastar-se de Deus não é apenas rejeitar a autoridade legítima mas a verdade sobre a existência. Quando Deus é visto como Senhor, o apelo para a autonomia é visto em sua impotência e colapso final. A resposta de fé inclui a revelação e a remoção deste anelo humano iludido ansiando por autonomia. A fé diz: “Tu és o Senhor, eu não pertencço a mim mesmo mas a Ti.”

A fé não surge até que uma pessoa compreenda quão sem esperança é sua necessidade e nesta descoberta negativa (não apenas da angústia humana mas também sua culpa na rebelião) surge a esperança exatamente onde ele está em necessidade, uma Pessoa que satisfaz suas necessidades pessoais. Como com o centurião, do mesmo modo todo homem, “nos ensinamentos de Cristo, ... encontrará aquilo que satisfazia às necessidades da alma.”³ Um Deus pessoal irrompe através do perímetro da autonomia do homem e é aceito como um amoroso invasor que deseja apenas a regeneração e restauração da propriedade perdida por algum tempo. Para o Cristão autêntico, as ansiedades da vida não são coisas naturais à sua existência a serem bravamente suportadas. Ele vê as ansiedades como um estado não natural, que pode ser superado pela graça de Deus.

Tal era o problema de Nicodemos, e sua experiência é comum a todos os homens:

Nicodemos fora ter com o Senhor pensando em entrar com Ele em discussão, mas Jesus expôs-lhe os princípios fundamentais da verdade. Disse a Nicodemos: Não é tanto de conhecimento teórico que precisas, mas de regeneração espiritual. Não necessitas satisfazer tua curiosidade, mas ter um novo coração. É mister que recebas nova vida de cima, antes de te ser possível apreciar as coisas celestiais. Antes que se verifique essa mudança, tornando novas todas as coisas, nenhum salvador proveito tem para ti o discutir comigo Minha autoridade ou missão.⁴

Tal revelação da fé acentua a natureza existencial da fé – que a fé não é alguma coisa descoberta pelos processos mentais comuns e desse modo possuída pelo homem. A verdade agora possui o homem mas somente quando o homem de fé responde de todo o coração vivendo e praticando a verdade. (Jo 7:17).

A Verdade Descoberta nas Decisões Existenciais

A verdade é existencialmente apreendida porque a verdade em si é uma descrição dos relacionamentos corretos, os quais por um lado devem existir dentro de toda criação, e por outro lado, entre toda a criação e seu Criador. Nada é estático – toda criação está em alguma espécie de relacionamento dinâmico com suas contrapartes. Opor-se ao relacionamento próprio ou destinado é rejeitar a vida e convidar ao desastre. Por esta razão, “fé genuína é vida.”⁵

Deus não é reconhecido como Senhor exceto pelo homem que reconhece sua impotência humana e que escolhe aceitar Sua reivindicação e exigências bem como Suas ofertas e promessas. O ato de fé é uma decisão de obediência em resposta a Deus que tem um encontro pessoal com o homem. As últimas palavras da carta aos Romanos parecem resumir bem este aspecto do encontro da fé:

Ora, àquele que é capaz de se colocar sobre seus próprios pés – de acordo com o meu evangelho, de acordo com a pregação do próprio Jesus Cristo, e de acordo com a revelação desse propósito secreto que, depois de longas eras de silêncio, agora se tornou conhecido (em plena concordância com os escritos dos profetas de há muito tempo), pela ordem do Deus eterno a todos os Gentios, para que eles pudessem se voltar para ele em obediência de fé...⁶

Pistis, carregando em seu significado as dimensões mais completas de crença e confiança, é o relacionamento predominante entre o Cristão autêntico e Deus. “Fé abrange não só a crença mas também a confiança.”⁷ A fé conduz à obediência amorosa somente quando o homem está convencido que o fundamento de Deus para sua vida é mais seguro que o seu próprio. *Pistis* desperta somente quando o homem está confiante que Deus será tão gracioso com misericórdia e poder como Ele prometeu; a fé desperta quando o homem vê como Deus em Seus atos tem provado ser digno de confiança.

“Incredulidade” (*a-pistis* de Hb 3:19) é a base de todo pecado. Rebelião, a decisão de colocar algum outro senhor no lugar do Senhor do Céu, brota da falta de fé, e declara a quebra das relações pessoais. Este foi o argumento de Paulo em Hebreus 3 e 4:

Sim, é tudo tão claro que foi por recusar confiar [*apistis*, falta de fé] que Deus impediu esses homens de entrarem em seu repouso. Ora, sendo que a mesma promessa de repouso é oferecida a nós hoje, estejamos continuamente em guarda para que nenhum de nós pareça que está deixando de atingi-lo. Porque nós também temos um evangelho que nos foi pregado, como esses homens tinham. Embora a mensagem proclamada a eles não lhes tenha feito bem, porque eles ouviram mas não creram tão bem. É apenas como resultado de nossa fé e confiança que nós experimentamos esse repouso.⁸

Reconciliação com Deus, “seu descanso,” é sabido que pode ser obtido apenas através da decisão pessoal. Nem a lógica sagaz nem a amplitude do intelecto podem compreender a verdade sobre a natureza essencial do homem ou seu destino. Somente quando o homem começa com sua existência, vê sua natureza como uma tensão dinâmica de contradições, estudos das consequências lamentáveis destas inclinações contraditórias e a inabilidade humana a competir com elas, ele estará preparado para receber o evangelho reconciliador e resolução de problemas sempre presente, através de Jesus Cristo. Esta análise pessoal da situação humana pode ser elementar ou sofisticada mas é o próprio ato de chegar à conclusão da impotência humana em face da graciosa oferta de Deus que é em si mesmo um ato todo abarcante do homem todo na decisão. O completo acompanhamento da resposta pessoal de Deus do “sim” ao “sim” do homem é conhecimento *sui generis*, além da compreensão humana por um lado, mas profundamente simples e autêntica por si mesma por outro.

Ellen G. White poderia escrever o texto a seguir somente depois de sua própria experiência existencial de fé:

A percepção e apreço da verdade, disse Ele, depende menos da mente, que do coração. A verdade deve ser recebida na alma; exige a homenagem da vontade. Se a verdade pudesse ser submetida unicamente à razão, o orgulho não serviria de obstáculo à recepção da mesma. Mas deve ser recebida mediante o operar da graça no coração; e sua recepção depende de renunciar de todo pecado que o Espírito de Deus revela. As vantagens do homem para obter o conhecimento da verdade, por grandes que sejam, não lhe aproveitarão coisa alguma, a menos que o coração esteja aberto para receber a mesma verdade, e haja conscienciosa renúncia de todo hábito e prática opostos a seus princípios. Aos que assim se entregam a Deus, tendo sincero desejo de conhecer e fazer-Lhe a vontade, a verdade se revela como o poder divino para a salvação.⁹

A Fé tem sua Origem na Resposta à Palavra

Especialmente aqui o testemunho Bíblico atravessa todas as outras formas de pensamento existencial bem como quaisquer epistemologias filosoficamente baseadas. O homem de fé não descobre a verdade sobre a existência por qualquer forma da atividade humana, iniciada pela razão, intuição, sentimento, ou pesquisa histórica. A fé autêntica é primeiro confrontada por um Tu que se levanta contra o homem e que Se apresenta como Alguém digno de confiança. Deus, para o Cristão, não é um poder interior, ou uma “razão de ser” mas uma Pessoa que é infinitamente outro além do homem do ponto de vista do tempo e do ser. A expressão mais clara de Ele Se dirigir ao homem foi comunicada no Deus Encarnado, em Jesus Cristo como um evento histórico. Para os Cristãos, este encontro histórico é o fundamento sólido para a fé Cristã.

Porém, Jesus como o Homem de Nazaré, a Pessoa histórica, não é, como tal, a Palavra toda suficiente que para se conhecer se deveria evocar a fé. Se isto fosse verdade, todos aqueles que viram e ouviram Seu testemunho diário O teriam reconhecido como seu Senhor. O aspecto notável do testemunho de Pedro em Cesárea de Filipe (Mateus 16) foi que aqui, pela primeira vez, a natureza da fé Cristã autêntica era revelada. A resposta de Jesus à afirmação de Pedro revela que a fé Cristã é o produto de uma maravilhosa união da Palavra histórica e a Palavra interior.

A verdade confessada por Pedro é o fundamento da fé do crente. É aquilo que o próprio Cristo declarou ser a vida eterna. A posse deste conhecimento, no entanto, não oferece motivo para nos glorificarmos a nós mesmos. Não fora por meio de sabedoria ou bondade do próprio Pedro, que ele lhe havia sido revelado. De si mesma, não pode a humanidade nunca chegar ao conhecimento do divino... Unicamente o Espírito de adoção nos pode revelar as coisas profundas de Deus, as quais ‘o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem.’¹⁰

A fé não poderia surgir sem a Palavra histórica; contudo, ela nem poderia surgir separada da Palavra interior que Pedro estava desejoso para reconhecer como a Palavra da verdade. Pedro reconheceu que aquilo que Jesus disse historicamente e o que o Espírito disse interiormente era verdade a respeito de Ele como um homem e que ele precisava daquilo que Eles ofereciam como a solução para o homem.

Porque o testemunho histórico é fundamental para a fé Cristã, os apóstolos se tornaram o fundamento da igreja Cristã. Sem os apóstolos a igreja Cristã não existiria; os apóstolos são distinguidos de todos os crentes posteriores pelo fato que eles receberam sua fé num encontro direto, imediato, histórico com Deus e não através da mediação de outros seres humanos. Sua fé, quando eles testemunharam de ela, ajudou a gerar a fé de outros que através de eles acharam seu próprio encontro pessoal com Deus.

Os apóstolos foram os primeiros de muitas comunidades de fé que se seguiram. Essas comunidades primitivas de crentes consideravam sua responsabilidade proteger e preservar o testemunho histórico dos apóstolos; elas colecionaram seus escritos e os distribuíram com uma clara demarcação entre eles e todos os outros escritos religiosos.

Mas a transmissão do evangelho não foi meramente uma questão de comunicar informação histórica. Não foi apenas a mensagem a respeito de Cristo e Seu encontro de primeira mão com os apóstolos que a Igreja transmitiu através dos anos. Se a Igreja meramente passasse adiante a Bíblia como um documento factual não teria existido nenhum “crente” nos dias que se seguiram. A fé genuína não era e não é “crer a respeito” mas uma resposta contínua ao amor de Deus contemporâneo e autoconcedido que cada geração pode receber de novo. A confissão de Pedro, que se tornou o paradigma e fundamento de toda fé a seguir, aceitou tanto o testemunho histórico como o testemunho interior e este encontro combinado trouxe Pedro aos seus joelhos e transformou sua vida. A verdade que Pedro aprendeu tanto através do testemunho histórico como da Palavra interior é o que resolveria seus problemas humanos se ele aprendesse como amar aos outros como Deus o tinha amado, bem como confiar em Deus para responder suas necessidades existenciais mais prementes. Este era o evangelho que chocou a primeira geração.

A Experiência de Fé Autêntica a si Mesma

A Palavra interior é o Espírito Santo. Jesus tornou claro que a principal função do Espírito é dar Seu testemunho. A bela verdade sobre a obra do Espírito Santo é que Ele não apenas torna a pessoa de Jesus Cristo presente, mas também condiciona pessoalmente a verdade de tal maneira que ela responde às necessidades especiais de cada indivíduo. Isto é básico para a máxima existencial que “verdade é subjetividade.” Se a verdade não for individualmente apropriada, se a verdade não apresentar significado e solução para cada indivíduo em particular, não haverá convicção duradoura. Não haverá fé *pessoal* e um Salvador *pessoal*.

João enfatizou a função do Espírito Santo como a de um testemunho para Cristo mas o “testemunho para” não é realizado por mera referência a um evento histórico. Fé não é mera memória de um evento passado, mas vida e atividade na presença dAquele que recria e está Ele próprio presente em Seus dons.

Pela fé, nós O contemplamos aqui no presente. Em nossa experiência diária, distinguimos Sua bondade e compaixão nas manifestações de Sua providência. Reconhecemo-Lo no caráter de Seu Filho. O Espírito Santo toma a verdade concernente a Deus e Àquele a quem Ele enviou, e descerra-a ao entendimento e ao coração.¹¹

A obra do Espírito Santo é tornar a fé auto autenticadora. O testemunho Bíblico em si é o produto da fé; ele fala de um encontro com o Deus-homem que pode ser experimentado por qualquer homem que esteja desejoso de ouvir ao Deus que está falando. Mas a Bíblia permanece pura história para o homem que não compartilha sua fé; seu significado não é compreendido. Todavia, quando o homem responde ao Senhor das Escrituras, justamente como os escritores Bíblicos uma vez o fizeram, Seu Espírito no interior torna a verdade pessoalmente real a qual alegrou os corações dos apóstolos – “Deus está conosco.” Nenhuma linha de lógica, nenhum apelo à autoridade heterogênia agora é necessário. O testemunho interior auto validador do Espírito para o testemunho histórico exterior não requer nada mais como prova; ele é um testemunho auto autenticador não menos real aos homens hoje do que foi para os apóstolos.

Assim, mediante a fé, eles chegam a conhecer a Deus com um conhecimento experimental. Têm provado por si mesmos a realidade de Sua Palavra, a verdade de Suas promessas. Têm provado, e visto que o Senhor é bom.

O amado João tinha conhecimento adquirido pela própria experiência. Pode testificar: “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida (porque a Vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificamos dela, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai, e nos foi manifestada); o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com Seu Filho Jesus Cristo.”

Assim cada qual é capaz de, mediante a própria experiência, “confirmar que Deus é verdadeiro.” ... Ele pode testificar daquilo que por si mesmo tinha visto e ouvido e sentido do poder de Cristo. Pode testificar:

“Eu necessitava de auxílio, e o encontrei em Jesus. Toda necessidade foi suprida, satisfeita a fome de minha alma; a Bíblia é para mim a revelação de Cristo. Creio em Jesus porque Ele me é um divino Salvador. Creio na Bíblia porque achei nela a voz de Deus para minha alma.”¹²

A experiência auto autenticadora da fé comprova a validade das Santas Escrituras. A arqueologia, as linguísticas, a história ou até mesmo a interpretação profética, em última análise, não estabelece o fato que a informação que a Bíblia contém é incontrovertidamente verdadeira. Tais esforços humanos para recuperar o passado e para projetar evidências racionais, necessárias e úteis como elas certamente são, permanecem sujeitas às contingências e relatividades de alguma coisa humanamente reconstruída ou realizada. Ellen G. White mostra que “aquele que conhece a Deus e a Sua Palavra por experiência pessoal, tem uma firme fé na divindade das Santas Escrituras. Tem provado que a Palavra de Deus é verdadeira, e que a verdade não se pode nunca contradizer a si mesma.”¹³

A Bíblia foi escrita posteriormente a uma experiência existencial e pode ser corretamente entendida somente quando as palavras escritas conduzirem o leitor a uma mesma espécie de experiência que uma vez impeliu o testemunho escrito. A perversão da fé ocorre quando esta é reduzida a um exercício intelectual da memória e aceitação. Os argumentos para tal compreensão errada da fé repousam sobre as contingências alteradoras da história e raciocínios dogmáticos e quando a prova vem, a fé pervertida será verificada ser insuficiente. “Sem conhecimento pessoal com Cristo e constante comunhão achamos-nos à mercê do inimigo, e havemos afinal de fazer-lhe a vontade.”¹⁴

Para aqueles que estão preocupados com os problemas perenes da história antiga, tais como o dilúvio, a criação etc., o fundamento mais seguro para a estabilidade espiritual é a prova auto autenticadora da fé que comprova a validade dos apóstolos. “Aquele que adquiriu certo conhecimento de Deus e de Sua Palavra mediante a própria experiência, acha-se apto a empenhar-se no estudo da ciência natural.”¹⁵

Em resumo, a intelectualização teórica não valida ou nem mesmo entende as experiências existenciais. As contingências presentes no entendimento humano do conhecimento têm estado aparentes por séculos. A experiência existencial da fé possui uma lógica muito mais satisfatória que os processos normais do argumento humano, levando Ellen G. White a observar: “A verdade como é em Jesus, pode ser experimentada mas nunca explicada. Sua altura, largura e profundidade ultrapassam nosso entendimento.”¹⁶

A Fé Transforma a Existência

Homens de fé têm restaurado o relacionamento pessoal correto com Deus e com seus semelhantes. Eles estão cumprindo o propósito da revelação sendo recíprocos ao convite inicial de Deus para companheirismo. Desse modo, o homem de fé glorifica a Deus – ele reflete como espelho o modo de vida de Deus.

Consequentemente, de novo, somos forçados a usar termos existenciais para descrever a natureza da fé. A fé é dinâmica e envolve o homem todo na decisão quando ele resolve frequentemente fazer a vontade de Deus, a se relacionar com as outras pessoas como Deus tem mostrado. A fé não é um meio para um fim maior; ela é o grande fim que também é o grande princípio. Deus não pode pedir nada mais do que a resposta de fé. Fé não é “crer em alguma coisa” mas um acontecimento que fascina e muda a pessoa toda.

A fé genuína se manifestará em boas obras, pois boas obras são fruto da fé. Ao operar Deus no coração, e entregar o homem sua vontade a Deus, e com Ele cooperar, ele manifestará na vida aquilo que Deus operou em seu íntimo pelo Espírito Santo, e há harmonia entre o propósito do coração e a prática da vida. Todo pecado deve ser renunciado como a coisa odiosa que crucificou o Senhor da vida e da glória, e o crente tem de ter uma experiência progressiva, fazendo continuamente as obras de Cristo. É pela contínua entrega da vontade, pela obediência contínua, que se retém a bênção da justificação.¹⁷

Fé quando relacionada a Deus é obediência confiante e quando relacionada ao homem, ela é amar como Deus nos tem amado. De acordo com Gálatas 5:6, amar é a prova experimental da fé. O amor não apenas aceita os outros homens como pessoas mas também “como eles são.” O pecado considera as pessoas como se elas fossem objetos de exploração ou prazer. Fé é o relacionamento positivo – pecado, negativo. Ambos são existenciais e quando a Igreja Cristã permitia que o pecado e a fé deslizassem para a esfera intelectual, legalista, dano incontável era feito ao testemunho Cristão.

Uma religião legal é insuficiente para pôr a alma em harmonia com Deus. A dura, rígida ortodoxia dos fariseus, destituída de contrição, ternura ou amor, era apenas uma pedra de tropeço aos pecadores. Eles eram como o sal que se tornara insípido; pois sua influência não tinha poder para preservar o mundo da corrupção. A única fé verdadeira é aquela que ‘opera por amor’ (Gálatas 5:6), para purificar a alma. É como o fermento que transforma o caráter.¹⁸

Fé não consiste em tornar-se livre da Lei; pelo contrário, a fé inculca o caráter abstrato da Lei à vontade pessoal que se encontra atrás de ela, para a vontade pessoal de Deus que é Amor. A fé ouve o dom da graça de Deus mas não sem os chamados simultâneos à obediência. Com o indicativo (“Você é meu filho!”) sempre existe o imperativo do discipulado (“*Seja* meu filho!”).

Essa fé é inseparável do arrependimento e transformação do caráter. Ter fé significa achar e aceitar o tesouro do evangelho, com todos os deveres que o mesmo impõe.¹⁹

Na tarefa de “ser o que você é” está o plano Bíblico da santificação. Fé e ética estão indissolúvelmente entrelaçadas. A ética torna o homem protegido do lado da experiência de fé. Nisto não existe graça barata onde o homem aceita o dom sem dar atenção à reivindicação do Senhorio de Deus.

A profissão de fé e a posse da verdade na alma são duas coisas diferentes. Não basta meramente o conhecimento da verdade. Podemos possuir esta e ainda o teor de nossos pensamentos não ser alterado. O coração precisa ser convertido e santificado.

O homem que tenta observar os mandamentos de Deus por um senso de obrigação apenas – porque é requerido que assim faça – jamais entrará no gozo da obediência. Não obedece. Quando, por contrariarem a inclinação humana, os preceitos de Deus são considerados um fardo, podemos saber que a vida não é uma vida Cristã. A verdadeira obediência é a expressão de um princípio interior. Origina-se do amor à justiça, o amor à

lei de Deus. A essência de toda justiça é lealdade ao nosso Redentor. Isto nos levará a fazer o que é reto, porque é reto, porque a retidão é agradável a Deus.²⁰

Não é bastante crermos que Jesus não é um impostor, e a religião da Bíblia não é uma fábula artificialmente composta. Podemos crer que o nome de Jesus é o único debaixo dos Céus pelo qual devemos ser salvos, e contudo podemos não torna-Lo pela fé nosso Salvador pessoal. Não é bastante crer na teoria da verdade. Não é bastante fazer profissão de fé em Cristo, e ter nosso nome registrado no rol da igreja. ‘Aquele que guarda os Seus mandamentos nEle está, e Ele nele. E nisto conhecemos que Ele está em nós; pelo Espírito que nos tem dado.’ ‘E nisto sabemos que O conhecemos; se guardarmos os Seus mandamentos.’ 1João 3:24; 2:3. Esta é a evidência genuína da conversão. Qualquer que seja nossa profissão, nada valerá se Cristo não for revelado em obras de justiça.²¹

A transformação ética da Igreja é a razão para a demora do segundo advento de Jesus Cristo. O evangelho é vindicado somente quando suas reivindicações são realizadas e validadas nas vidas de seus adeptos. O Cristianismo é mais uma questão de exibição de um produto do que de proclamação de novas *sobre* Deus. O grande propósito da vida de Cristo sobre a terra foi demonstrar que o homem em sua existência pecaminosa pode ser elevado à uma nova existência que resolve os problemas duplos humanos – o do significado da vida e o do relacionamento interpessoal. Quer a história da beleza da Sua vida seja verdadeira ou não, o homem moderno pelo menos, dependerá do testemunho vivo desse poder que a Igreja pode exibir. O mundo está cansado de ouvir palavras sem poder, e poder sem significado.

Nossa confissão de Sua fidelidade é o meio escolhido pelo Céu para revelar Cristo ao mundo. Temos de reconhecer-Lhe a graça segundo nos é dada a conhecer através dos santos homens da antiguidade; mas o que será mais eficaz é o testemunho de nossa própria experiência. Somos testemunhas de Deus, ao revelar em nós mesmos a operação de um poder que é divino. Cada indivíduo tem uma vida diversa da de todos os outros, uma experiência que difere essencialmente da sua. Deus deseja que nosso louvor a Ele ascenda, com o cunho de nossa própria individualidade. Esses preciosos reconhecimentos para louvor da glória de Sua graça, quando corroborados por uma vida semelhante à de Cristo, possuem irresistível poder, eficaz para salvação de almas.²²

O evangelho tem de ser apresentado, não como uma teoria sem vida, mas como força viva para transformar a vida. Deus deseja que os que recebem Sua graça sejam testemunhas do poder da mesma.²³

Conclusão

A fé é uma experiência existencial porque ela se ocupa com a decisão e a transformação ética. A fé autêntica não pode existir a menos que o homem todo esteja envolvido em decisões radicais diariamente. Os problemas humanos mais prementes – morte, ansiedade, amor, ódio etc. – são os interesses centrais da fé autêntica. No coração da fé está a convicção inabalável e auto autenticadora que Deus falou a ele, através do testemunho histórico e do interior, numa corroboração mútua. O homem de fé não separa o expectador que assiste ao jogo da vida. Suas convicções a respeito dos problemas existenciais não são produtos do raciocínio humano. Ele é um homem que foi confrontado e apreendido por seu Senhor pessoal. Seu destino na fé é orientado por Deus, e em tornar sua a vontade do seu Senhor, ele encontra liberdade genuína e as soluções para a existência humana.

¹ *O Desejado de Todas as Nações*, p. 347.

² *Ibid.*, p. 139.

³ *Ibid.*, p. 315.

- ⁴ *Ibid.*, p. 171.
⁵ *Ibid.*, p. 347.
⁶ Rm 16:25-26, Phillips.
⁷ *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, p. 389.
⁸ Hb 3:19 a 4:2, Phillips.
⁹ *O Desejado de Todas as Nações*, pp. 455-456.
¹⁰ *Ibid.*, p. 412.
¹¹ *O Maior Discurso de Cristo*, p. 26.
¹² *A Ciência do Bom Viver*, pp. 460-461.
¹³ *Ibid.*, p. 462.
¹⁴ *O Desejado de Todas as Nações*, p. 324.
¹⁵ *A Ciência do Bom Viver*, p. 461.
¹⁶ *Parábolas de Jesus*, p. 129.
¹⁷ *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, p. 397.
¹⁸ *O maior Discurso de Cristo*, p. 53.
¹⁹ *Parábolas de Jesus*, p. 112.
²⁰ *Ibid.*, pp. 97, 98.
²¹ *Ibid.*, pp. 312, 313.
²² *O Desejado de Todas as Nações*, p. 347.
²³ *Ibid.*, p. 826.

O Existencialismo e as Doutrinas Cristãs Básicas

Harry W. Lowe

De todos os esforços contemporâneos para transformar o entendimento do homem de seu próprio ser a filosofia existencial está entre os mais notáveis. Bernard Ramm o chama de “um novo afastamento radical na filosofia que foi antecipada por Pascal e foi trabalhada mais sistematicamente por Kierkegaard.”¹

A fim de apreciar esta nova abordagem filosófica radical da vida, é preciso ter em mente que quase todos os filósofos do décimo nono século estavam concentrados para resolver os mistérios do universo através de um exame objetivo, que era confiantemente predito, finalmente resolveria estes problemas, até mesmo aqueles da própria vida.

Hegel falou do “Espírito Escondido do Universo” que era “impotente para resistir ao poder do pensamento: ele deve se abrir diante deste, revelando à vista e trazendo prazer suas riquezas e profundezas.” “Deus o Universal” e “Deus Existe Porque Pensou” eram dois pensamentos dominantes na sua famosa *A Filosofia da Religião*.²

Cientistas contemporâneos desenvolveram esta atitude até o ponto onde todos os mistérios se curvaram diante do poder do pensamento, e todo o universo ficaria nu e revelado para a mente do homem.

Foi devido em parte a esta filosofia Hegeliana, e em parte à pretensão e formalidade da religião institucional, que Soren Kierkegaard, o introvertido, brilhante escritor Dinamarquês, propôs seus retumbantes protestos – perturbadores protestos quase ignorados na época, e desconhecidos ao mundo de fala Inglesa até que a *Epístola aos Romanos* de Karl Barth revelasse e reinterpretasse este “Pascal Dinamarquês” para o mundo teológico.

Leslie Paul, professor no Queen's College, Birmingham, Inglaterra, comenta como segue a perspectiva científica do décimo nono século, a qual era muito ingênua para Kierkegaard aceitar:

Mais cedo ou mais tarde, para a média do pensamento científico, tudo será conhecido: não será deixado nada no universo que não será explicado. O homem tem apenas que continuar incansavelmente os estudos científicos que ele já iniciou a fim de

prestar esclarecimento de tudo. As descobertas astronômicas, as hipóteses evolucionárias, o vasto progresso nas ciências da vida e mecânica prometem não somente que logo o homem conhecerá tudo, mas será mais ou menos capaz de fazer tudo. Este ponto de vista do mundo científico também espera confiantemente que prestará esclarecimento para o homem: que ele também será cientificamente explicado e objetivamente conhecido.³

Soren Kierkegaard colocou em movimento uma sequência de pensamento, largamente ignorada pelo seu próprio século, sobre a qual filosofias existenciais subsequentes são construídas. Ele categoricamente recusou objetivar tudo no universo; ele veemente e persistentemente recusou ignorar o subjetivo, e a considerar tudo, até mesmo Deus, como um objeto a ser cientificamente examinado. Para ele, o que importava acima de tudo o mais era a transcendência de uma experiência interior viva. Um homem deve crer naquilo que ele professa; ele deve ser aquilo que pretende ser.

Blaise Pascal reconheceu a *razão* humana, e também o domínio do *coração* como duas estradas para a aquisição do conhecimento. A razão reinava onde o conhecimento objetivo dizia respeito, e o coração dominava na religião. Kierkegaard, não conhecendo nada de Pascal, também desenvolveu duas estradas para o conhecimento. A primeira era a maneira da *aproximação* por meio da qual o conhecimento objetivo do ambiente físico, ciência, matemática, se torna conhecido ao homem. Então vinha a maneira da *apropriação*, pela qual o homem existente poderia conhecer os fatos evidentes da religião, – Cristo, Deus, salvação. Kierkegaard era contrário a misturar estas duas estradas para o conhecimento.

A Primazia da Experiência Pessoal

Na filosofia existencial, a existência precede a essência. Isto quer dizer que, o ser pessoal, a identidade individual, é basicamente mais importante que quaisquer processos ontológicos ou metafísicos pelos quais um homem chega a entender as realidades do mundo que o cerca.

Kierkegaard compreendeu isto quando ele buscou a verdade, e ele disse:

... a verdade existe para o indivíduo particular somente quando ele próprio a produz em ação... A verdade sempre teve muitos pregadores barulhentos, mas a questão é se um homem está desejoso no sentido mais profundo de reconhecer a verdade, de permitir que ela permeie todo o seu ser, de assumir todas as consequências dela e não reservar em caso de necessidade um lugar escondido para si mesmo, e o beijo de Judas como a consequência.⁴

Ele era tão insistente sobre a primazia da sinceridade pessoal e a experiência dinâmica, que ele mesmo foi tão longe que chegou a dizer que como existentes não precisamos estar primariamente preocupados com proposições verdadeiras, mas deveríamos estar supremamente preocupados em estar pessoalmente “na verdade.” Quando respondemos com fé e paixão a Cristo como Alguém Encarnado, então estamos na verdade.

Somente quando um homem está sozinho ele pode defrontar-se com o Eterno. E o ato que é solicitado neste ponto não é um de mero reconhecimento noético. Quando é conhecido tudo o que pode ser conhecido, a parte responsável mais importante da vontade no homem ainda tem que se render. Ele deve atuar, ele deve escolher, ele deve arriscar, ele deve dar o salto. Porque numa existência onde permanecem diferenças qualitativas, não existe outra entrada para o nível mais profundo da vida existencial como um indivíduo. Somente por este salto de fé pode alguém conhecer o livramento da culpa, o senso de comprometimento, a aceitação de uma vocação, de um chamado em cujo serviço está a perfeita liberdade.⁵

Ler *Purity of Heart* em longas seções é captar o frequente refrão do autor incorporando a oração para conhecer a Deus como algo que importa, possuir “uma vida que tem desejado alguma coisa,”

experimentar triste arrependimento e “vitória no dia da necessidade... desejar apenas uma coisa.” E fazer o mesmo com *Edifying Addresses* de Kierkegaard é ouvir seu grito através dos anos a viver diante do Eterno “como um indivíduo.”⁶ Infelizmente, este “eu” pessoal não significa a mesma coisa nas mãos de alguns outros filósofos e teólogos. Para um homem o “eu” é tangível, para outro intangível; para um é o “corpo” e a “alma,” para outro uma unidade, ou uma unidade psicossomática; ainda outros têm falado da substancialidade do eu, mas Heidegger e outros têm criticado severamente isto. Muitos evitam definições e falam do eu como uma unidade.

O estudante Cristão reconhece, de fato, que, belamente como alguns Cristãos existencialistas têm se expressado sobre a importância do eu em relação a Deus, suas ideias não são novas. Elas são, embora não tão intencionalmente, uma re-ênfase da doutrina Cristã da conversão e regeneração, que incorpora confrontação, comprometimento total, como também expressado em vários outros termos experienciais no vocabulário existencialista. Os homens estão procurando no escuro termos com os quais expressar seu desamparo, seu medo (para usar um termo existencial frequente), e sua desesperadora necessidade. Uma publicação recente da *The Ecumenical Review* se refere ao “atual reavivamento do interesse na conversão entre as comunhões Cristãs,” e declara que “uma impressionante lista de livros tem sido publicada sobre o assunto.”⁷ As diferenças entre comprometimento existencial e conversão Cristã servem apenas para mostrar a busca pela realidade e autenticidade nas forças morais e espirituais que dominam a vida do homem.

O Cristão Adventista do Sétimo Dia reconhecerá a necessidade fundamental da fé viva e da completa entrega pessoal do indivíduo. Ele sabe que sua literatura denominacional está repleta de apelos para uma “entrega incondicional” do eu a Cristo, por reconhecimento que “tudo quanto possuímos deve ser consagrado a Deus.”⁸ Ao mesmo tempo ele confessará que sua dificuldade não é encontrar expressão teórica oficial de tais ideais, mas encontrar resposta adequada em sua própria experiência de vida. Ele sabe que deve lutar contra a tendência de se estabelecer numa aderência Cristã nominal ou morta, e ele deve sempre procurar uma fé vibrante, viva, pessoal. Podemos nós como Cristão existentes nos reanimar para este dinamismo existencial, ou necessitamos da ajuda exterior provida através do Espírito Santo? Somente de alguma maneira ou maneiras podem as crenças doutrinárias ser traduzidas para uma semelhança de relevância para a situação contemporânea.

É precisamente neste ponto de padrões específicos de crença e conduta que a teologia moderna, incluindo a filosofia existencial Cristã, vacila em suas tentativas para prover à humanidade que se debate alguma coisa como um ancoradouro seguro. A confrontação deve ser mais que uma experiência estática; e o comprometimento subsequente deve ser a alguns ideais e padrões de vida, ou tudo termina em futilidade. O comprometimento deve ser com um Deus transcendente cujos padrões revelados são requerimentos que NÃO estão sob o controle do homem. C. S. Lewis sustentava a futilidade de colocar a razão humana ou o eu, como a medida para julgamento pela qual tudo é julgado. “A menos que a vara de medida seja independente das coisas mensuráveis, não podemos fazer nenhuma medição.”⁹ Lewis era um erudito, palestrante, autor de reputação, que também era um sobrenaturalista completo que por fim permaneceu como um apologista das crenças fundamentais Cristãs. Está seriamente aberta a questão se a opinião de Kierkegaard que a verdade é alcançada somente quando um homem “a produz em ação” está correta, exceto no sentido que um homem deve viver o conhecimento da verdade a fim de perceber mais verdade. Isto requer uma revelação inicial que está além da perspicácia humana. É insustentável para nós que o homem crie seus próprios padrões morais.

Uma olhada rápida em algumas das crenças Cristãs básicas como vistas pelos existencialistas modernos revela algumas coisas que seriam suficientes para trazer preocupação aos Adventistas do Sétimo Dia.

I. Divindade

Desde o tempo que Nietzsche proclamou que Deus está morto, e os existencialistas não Cristãos como Jean Paul Sartre declararam que a ideia de Deus era impossível, teólogos filosóficos modernos têm se inclinado em alguns casos a ir à deriva para um sentimento que “Deus está morto.” Eles assumem que os deuses têm morrido continuamente durante toda a história humana, e agora o institucionalismo Cristão

e o Deus Cristão estão em declínio. Desse modo John Wild, um ilustre filósofo, professor, membro da Sociedade para a Filosofia Fenomenológica e Existencial, diz:

Que isto esteja acontecendo uma vez mais é indicado pelo sentimento da ausência de Deus que é expressado por vários pensadores religiosos sensíveis de nosso tempo, tais como Heidegger, Paul Tillich, e Simone Weil. Deus se retirou do domínio das máquinas e ... estes grandes sistemas de tecnologia são incapazes de nos ajudar a entendermos a nós mesmos como pessoas responsáveis, para não dizer nada da transcendência, a fonte de nossa liberdade humana. Não podemos nem mesmo conceber a Deus desta maneira. Então ele se retirou, como os filósofos têm visto e têm dito em sua própria maneira peculiar.¹⁰

Se, como John Wild sugere, o existencialismo for uma das várias alternativas para teologia radical moderna, ele certamente precisa de alguma coisa mais para oferecer aos homens inquietos, solitários, do que a filosofia incerta que Deus pode estar ausente, mesmo embora Ele não esteja morto.

Paul Tillich, príncipe dos existencialistas modernos, era fortemente contrário à doutrina Cristã de um Deus pessoal, e declarou:

Muitas confusões na doutrina de Deus e muita fraqueza apologética poderiam ser evitadas se Deus fosse entendido antes de tudo como um ser ou como a base do ser.¹¹

‘Deus Pessoal’ não significa que Deus é uma pessoa. Significa que Deus é a base de tudo o que é pessoal e que ele carrega dentro de si mesmo o poder ontológico da personalidade. Ele não é uma pessoa, mas ele não é menos do que pessoal. Não deve ser esquecido que a teologia clássica empregava o termo *persona* para as hipóteses trinitárias mas não para o próprio Deus. Deus se tornou ‘uma pessoa’ somente no décimo nono século, em conexão com a separação Kantiana da natureza governada pela lei física da personalidade governada pela lei moral.

O teísmo usual tem tornado Deus uma pessoa celestial, completamente perfeita que habita acima do mundo e dos homens. O protesto do teísmo contra tal pessoa mais elevada está correto. Não existe evidência para sua existência, nem é ele uma questão de preocupação fundamental. Deus não é Deus sem participação universal. ‘Deus Pessoal’ é um símbolo desconcertante.¹²

Isto não é planejado para vincular qualquer estigma ateuístico ao brilhante Paul Tillich. Contudo, qualquer Cristão Adventista do Sétimo Dia que faz uma leitura extensiva de Tillich certamente é deixado com ideias extremamente atenuadas da Divindade, da divindade de Cristo, dos feitos miraculosos etc., e se as ideias de Rudolf Bultmann sobre o sobrenatural forem adicionadas, então a conclusão parece inevitável que a fé Cristã simples como o Adventista do Sétimo Dia a entende, não pode compreender tal testemunho negativo.

Martin Heidegger apresenta os pontos de vista de muitos existencialistas neo-ortodoxos sobre a doutrina de uma divindade pessoal, soberana. Objetivando a universalidade de um ser mais elevado, ele comenta:

Todos que têm chegado a conhecer a teologia de dentro do seu desenvolvimento, tanto essa da fé Cristã bem como a da filosofia, preferem permanecer silentes hoje no domínio do pensamento sobre Deus.¹³

No mesmo artigo Wolfhart Pannenberg chama a atenção para a ideia de um Deus dispensável para a qual os existencialistas, bem como muitos outros, estão contribuindo:

Todos que tentam falar de Deus hoje não pode mais levar em conta serem completamente entendidos. De qualquer forma, este é o caso se alguém tiver em mente o Deus vivo da Bíblia como a realidade que tudo determina, como o criador do mundo. Falar do Deus vivo, o criador do mundo, é correr o risco de se tornar um som oco hoje, até mesmo um impedimento, no entendimento da realidade do mundo no qual existimos, determinado como ele é pela ciência e tecnologia.

O ataque contra as ideias Cristãs de Deus sempre tem existido, e em forma multiformes, mas ao longo dos anos da história da igreja, o ataque proveniente de dentro provavelmente nunca tenha sido tão virulento como ele é hoje. O homem sofre de um senso de alienação, e quanto mais ele se submete à investigação filosófica, mais ele se sente como “um alienígena num universo alienado.” Um universo hostil e complexo tem conduzido uma minoria vocal para atacar a ideia de uma pessoa, uma Divindade que supervisiona. Quando esta ideia é abandonada, então, como um editor recentemente comentou:

Temos o paradoxo de uma Igreja que, de acordo com certos oradores influentes, não sabe o que ela é e o que ela deve fazer, presumindo falar a homens e mulheres que não sabem quem eles são.¹⁴

Não é de se admirar que tantas pessoas não creem mais na predição de nosso Senhor concernente à Sua igreja: “E as portas do Hades não poderão vence-la”¹⁵

Na discussão da alienação existencial, poderia ser esperado que homens Cristãos exercessem restrição, que pelo menos eles fossem logicamente compelidos a darem passos bem sucedidos que se rendessem a toda crença num Deus pessoal, cujo controle supervisor, embora nem sempre visto e entendido, conduz para fins pré-determinados. Os rompimentos trazidos sobre nós pelo mistério da rebelião e perversidade, têm produzido condições de vida inexplicavelmente desconcertantes; e nada a não ser a fé na mão invisível mas guiadora de Deus pode resolver os problemas do eu individual sob estas condições. Chamar isto de “o salto da fé Kierkegaardiano,” ou de “comprometimento total” do existencialismo, contribui para aceitar que continua sendo verdade que Deus é conhecido somente para o homem que exerce fé à extensão de uma entrega total do eu a Ele.

Helmut Gollwitzer, em seu recente livro, *The Existence of God as Confessed by Faith*¹⁶ afirma mais uma vez a ideia que Deus se torna conhecido somente através da “proclamação Cristã,” e que todas as ideias Cristãs sobre Deus veem “da experiência concreta e contingente de receber comunicação vinda de Deus.” Karl Barth propôs o ponto de vista que “Deus pode ser conhecido somente através de Deus.”

Como o homem pode conhecer a Deus? A “proclamação Cristã” conota uma “comunicação” prévia “vinda de Deus?” Poderia esta comunicação vinda de Deus ser identificada com a doutrina ortodoxa Cristã da graça, que é iniciativa de Deus procurar o homem? Estas são algumas das questões que nós Cristãos devemos responder se esperamos colocar as crenças Cristãs básicas num contexto existencial contemporâneo relevante.

II. Revelação e o Sobrenatural

Explorar e elucidar a fé Cristã num mundo perplexo e hostil é tanto emocionante como perigoso. As crenças devem ser inteligentemente mantidas, e elas devem resistir a alguns escrutínios, mesmo embora elas possam estar além da completa racionalização humana. A única fonte das crenças Cristãs básicas está no Novo Testamento, e o teólogo filosófico moderno acha difícil crer em alguns dos seus conteúdos. Ele está presumivelmente preparado para aceitar alguma historicidade e veracidade nos eventos notáveis tais como a existência, ministério, julgamento, e morte de Jesus de Nazaré. Porém, ele logo se sente capturado numa rede, porque existem milagres, tais como a encarnação, prodígios como anjos enviados por Deus, e ressurreição dos mortos, – e estas coisas são incompreensíveis ao homem moderno. A atitude do teólogo existencial tem muito recentemente sido demonstrada por John Macquarrie:

Mas logo descobrimos que mesmo aquelas passagens que parecem ser prontamente inteligíveis estão intimamente emaranhadas em outras passagens com as quais o caso é muito diferente. O quadro geral que o Novo Testamento oferece é estranho e quase fantástico para qualquer pessoa que tenha uma perspectiva moderna. O que fazemos com as histórias de prodígios e milagres, com as vozes vindas do céu e anjos enviados por Deus? Como entendemos os misteriosos ‘principados e potestades’ essas forças demoníacas das trevas sob as quais o mundo é dito ser mantido em sujeição? O que significa falar da morte de Jesus como um ‘resgate por muitos,’ ou como uma ‘propiciação’ para os pecados do mundo? Podemos vincular algum significado à história de Cristo descer ao submundo, onde ele pregou aos ‘espíritos em prisão’? Podemos fazer com que os estranhos incidentes que são ajustados em conexão com sua ressurreição fazerem algum sentido? Com nossas ideias do universo, podemos entender sua ascensão ao céu, onde ele é exaltado à mão direita do Pai? E o que dizer daquelas cenas da vinda do fim, quando o Filho do Homem retornará nas nuvens e os fiéis o encontrarão no ar?¹⁷

Emil Brunner está preparado para aceitar sua própria versão da tradição do Novo Testamento, contanto que ele possa apagar o nascimento virginal, a tumba vazia, o ministério de quarenta dias pós-ressurreição, e a ascensão corpórea para o céu. E existem muitos outros teólogos existenciais que compartilham seus pontos de vista. Quão longe podemos ir nestas tentativas para desconsiderar a historicidade do Novo Testamento, e para minar sua veracidade?

Macquarrie menciona uma comparação com as ideias de nossos pais de um universo compacto e geocêntrico de três camadas com o céu acima, o submundo abaixo, e a terra do homem no meio. Nas mãos de homens menos cuidadosos esta comparação se torna um furioso ataque iconoclasta contra quase tudo o que é sagrado para a crença Cristã.

O problema se torna muito real quando é afirmado que tais coisas tão importantes como a ascensão foram “perfeitamente inteligíveis para os homens que desfrutaram as velhas cenas do mundo, mas se tornaram ininteligíveis para nós na era pós-Copernicana.”¹⁸

Em seus aspectos mais amplos isto tende a corromper toda a questão da revelação, tanto quanto diz respeito ao Cristão evangélico. Ele pode aceitar isto e por meio disso abandonar sua lealdade ao ensino histórico da igreja sobre a revelação Bíblica, ou ele deve encontrar uma defesa adequada da fé ortodoxa Bíblica contra estas afirmações impetuosas.

É claro que tais coisas como confrontação, e comprometimento, a uma Pessoa divina, toma um novo significado numa filosofia existencial que visa destruir o Deus com quem o Adventista ortodoxo tem praticado comunhão diariamente, Aquele em quem ele vive se move e tem seu ser. Conversão, meditação, o estudo da Palavra revelada é para ele a confrontação imediata. A morte é para ele o caminho de entrada para a confrontação final com a Pessoa, e não é o horror que ela era, e é, para tantos filósofos. De fato, Kroner registra que o *Sein und Zeit* de Heidegger se ocupa tanto com a morte que ele “transformou esta filosofia da vida numa filosofia da morte,” e ela certamente lhe deu respeitabilidade acadêmica.¹⁹

III. Escatologia

Geralmente entre os evangélicos, as últimas coisas desempenham uma parte significativa, culminante na teologia Cristã, porém é difícil escapar da convicção que o liberalismo existencialista, nas mãos de homens admitidamente sérios e brilhantes, tem ofuscado “a bendita esperança” e não pouco. O tratamento de Bultmann é demonstrado sucintamente por George W. David:

De forma segura, ele [Paulo] não abandona a cena apocalíptica do futuro, da *parousia* de Cristo, da ressurreição dos mortos, do Julgamento Final, da glória para aqueles que creem e são justificados. Mas a bem-aventurança real é a justiça, e com ela a liberdade. O reino de Deus, ele diz, é justiça e paz e alegria no Espírito Santo (Rm 14:17). E isso significa: a concepção da bem-aventurança é considerada com respeito ao indivíduo; e

este estado de bem-aventurança já está presente. O crente que recebeu o batismo está ‘em Cristo.’ ... O tempo da bem-aventurança, prometido por Isaías, está presente...

No entendimento de Bultmann, a escatologia é aquilo que abre a porta para a vida autêntica; isto é, para aquilo que supera o pecado e a morte, tornando o futuro seguro. Neste sentido, a [primeira] vinda de Jesus é escatológica em caráter, como são também sua morte e ressurreição, visto que estes eventos afetam profundamente a vida do homem tanto neste mundo como no que virá.²⁰

Na tradução de R. H. Fuller do livro *Primitive Christianity and Its Contemporary Setting*,²¹ de Bultmann ele se refere à escatologia do Novo Testamento como uma “renúncia do mundo,” “escapismo,” “asceticismo,” “sobrenaturalidade,” e diz que “Jesus estava enganado em pensar que o mundo estava destinado a chegar logo no fim.” Ele vê o primeiro advento de Jesus Cristo como “o evento escatológico” que trouxe o velho mundo a um fim, e o segundo advento é para ele, em primeira instância, a vinda de Cristo para a vida humana através do ato de fé, e em segunda instância, ele é a “obediência contínua” e a prontidão para a “inevitabilidade do julgamento divino.” É incompreensível para Bultmann que um corpo morto possa ressurgir novamente, e a ressurreição corpórea é para ele “a concretização legendária” da igreja primitiva que Deus exaltou Alguém que foi crucificado.

Bultmann está admitidamente numa base feliz caçando tais pontos de vista modernistas. Mas outros filósofos e teólogos existenciais provêm pontos de vista semelhantes, – pontos de vista que destroem as concepções evangélicas da transcendência divina, da primazia da revelação externa da verdade, da Santa Palavra inspirada, do julgamento final do mundo, e a vida por vir. Deveria ser possível lidar com outras ênfases doutrinárias, tais como a redenção, expiação, graça, pecado, fé, criação, o julgamento final, a encarnação, e mostrar em cada caso que a filosofia existencial liberal está permeada com concepções modernistas que estão removidas para longe dos ensinamentos doutrinários evangélicos fundamentais. A filosofia existencial oferece algumas maneiras de tornar a verdade do Novo Testamento relevante para nosso tempo, John Macquarrie faz esta admissão:

Um existencialismo Cristão possui suas próprias lacunas e problemas não resolvidos. Ele corre o perigo de subjetivar tanto o elemento histórico na mensagem do Novo Testamento que a distinção entre história e ficção fique borrada, e alguém teria que perguntar a respeito da importância deste problema. Novamente, embora ele salve o dogma de um intelectualismo estéril, poderia parecer que ele varreu quaisquer implicações ontológicas do dogma, e alguém teria que perguntar a respeito da importância deste problema também. É duvidoso se a filosofia existencialista em si mesma seria adequada para investigar estes problemas.²²

Conclusão

Temos reconhecido neste documento, e em outros nestas séries, que o existencialismo Cristão possui algumas lições de valor no domínio do viver dinâmico. A coisa mais difícil no ministério Cristão é levar as pessoas a viverem de acordo com sua profissão da verdade, a encontrar-se com Deus em comprometimento absoluto. Este comprometimento deve envolver padrões da verdade. Se aceitamos a auto revelação de Deus como a fonte da verdade espiritual e doutrinária, então em que ponto seremos compelidos a dirigir-se para longe de qualquer filosofia que não aceita algumas concepções Cristãs básicas nesta área da revelação, e da direção divina? A concepção Bíblica que uma Divindade universal pode ser ao mesmo tempo pessoal para cada crente, não deveria ser impossível para o homem de fé aceitar. Ela tem encontrado aceitação, com certas modificações, no Catolicismo Romano, no Calvinismo, no Arminianismo, e na maioria dos ramos do Protestantismo.

Em algum lugar entre a concepção Calvinista e a Arminiana da soberania de Deus devemos tomar uma posição firme sobre esta soberania divina básica, da qual muitas das nossas outras concepções Cristãs básicas são derivadas. Nós Adventistas não somos cem por cento Arminianos na opinião deste

escritor, e certamente não somos mais cem por cento Calvinistas. O ponto intermediário exato não importa, mas a verdade comum básica para ambos importa.

É interessante observar duas declarações não diferentes sobre a soberania divina, a primeira de uma fonte Calvinista e a outra de uma Arminiana:

A soberania de Deus! O que queremos dizer com esta expressão? Queremos afirmar a supremacia de Deus, a realeza Deus, a Divindade de Deus. Dizer que Deus é soberano é declarar que Deus é Deus. Dizer que Deus é soberano é declarar que Ele é o Altíssimo, que “Ele age como Lhe agrada com os exércitos dos céus, e com os habitantes da terra. Ninguém é capaz de resistir à Sua mão ou dizer-Lhe: ‘O que fizeste?’” (Dn 4:35 NVI). Dizer que Deus é soberano é declarar que Ele é o Todo Poderoso, o possuidor de todo o poder no céu e na terra, de modo que ninguém pode derrotar Seus conselhos, opor-se aos Seus propósitos, ou resistir Sua vontade (Sl 115:3). Dizer que Deus é soberano é declarar que Ele ‘governa as nações’ (Ps. 22:28 NVI), estabelece reinos, derruba impérios, e determina o curso das dinastias como melhor Lhe apraz. Dizer que Deus é soberano é declarar que Ele é o ‘único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores’ (1Tm 6:15 NVI). Tal é o Deus da Bíblia.²³

Nos anais da história humana o crescimento das nações, o levantamento e queda de impérios, aparecem como dependendo da vontade e façanhas do homem. O desenvolver dos acontecimentos em grande parte parece determinar-se por seu poder, ambição ou capricho. Na Palavra de Deus, porém, afasta-se a cortina, e contemplamos ao fundo, em cima, e em toda marcha e contramarcha dos interesses, poderio e paixões humanas, a força de um Ser todo-misericordioso, a executar, silenciosamente, pacientemente, os conselhos de Sua própria vontade.²⁴

Estas são afirmações fortes, mas elas contêm algumas verdades resistentes que são claramente Bíblicas, e elas têm dado segurança para os santos Cristãos através das eras. Podemos abandoná-las aos assaltos furiosos da filosofia moderna os quais nos deixarão com uma explicação da vida quase sem significado?

Se pudermos nos concentrar no viver dinâmico que inclui a prática da verdade como nós agora a entendemos, poderíamos conduzir a igreja através do mar tempestuoso que nos traz a uma fé e amor mais profundos, e às crescentes luz e verdade – tudo baseado sobre a verdade tranquilizadora, resistente que Deus ainda é “o Soberano do Universo.”²⁵ Em outros lugares na própria literatura da igreja Ele é chamado de “o Soberano do mundo, o Dominador do universo.”²⁶ A garantia da “Mão que dirige os acontecimentos”²⁷ é necessária entre nós, caso contrário a filosofia que não é baseada na Fonte externa da Verdade acabará numa inevitável confusão experiencial e doutrinária. Os existencialistas não gostam de ser descritos ou classificados, o que tem levado alguns escritores a chamarem sua filosofia de um estado da mente, uma obsessão com o eu, ou até mesmo de “um sintoma de exaustão espiritual aguda.”²⁸ Como tal ele não pode dar estabilidade espiritual à vida.

Não estamos depreciando a filosofia existencial quando dizemos que, por um lado, tudo quanto é brilhante e atraente em seus ensinamentos já podemos encontrar na apresentação Cristocêntrica de nossos ensinamentos Bíblicos, e, por outro lado, tudo quanto está faltando em sua ênfase doutrinária modernista nos é oferecido no conteúdo balanceado, conservador, tranquilizador da Mensagem do Advento.

É dito que no pensamento Hebraico a palavra “verdade” comunica fundamentalmente as ideias de solidez, segurança, fidelidade, firmeza. No pensamento Grego do Novo Testamento a palavra sugere aquilo que é revelado e livre de aparências falsificadoras. Ambos os significados são vistos em tais expressões como “SENHOR, Deus da verdade;”²⁹ “Os teus mandamentos permanecem firmes.”³⁰ Jesus Cristo é chamado de “verdadeiro”³¹ porque Ele completa os propósitos de Deus na salvação e julgamento. A verdade é encontrada na Palavra escrita³² e o evangelho é chamado de “palavra da verdade, o evangelho que os salvou.”³³

“O conhecimento da verdade não é teórico, mas “existencial,” uma realidade viva enraizada na auto entrega do homem.”³⁴

A verdade, acima de tudo o mais, é alguma coisa para ser crida, e então influenciar. Somente assim pode o existencialismo Cristão encontrar um significado verdadeiro e satisfatório.

Se tem nos faltado o santo fogo do comprometimento dinâmico Cristão, o altar ainda está em chamas para nos reacendermos; se nossa ênfase sobre dogma tem estado intocada pelo *ágape* divino e portanto tem se inclinado a estar tão fria como as estrelas no céu invernal, ainda existe o amor eterno e redentor para ser injetado na doutrina sem significado e torna-la significativa e atrativa numa vida dedicada.

¹ *A Handbook of Contemporary Theology*, Wm. B. Eerdmann Publishing Co., Grand Rapids, 1966, p. 46.

² *The World's Greatest Books*, Editors Harmsworth & McClure; McKinlay, Stone & Mackenzie, Vol. XIII, p. 138.

³ Leslie Paul, *Alternatives to Christian Belief*, Doubleday & Co., Inc., Garden City, NY, 1967, pp. 90, 91.

⁴ Søren Kierkegaard, *The Concept of Dread*, Princeton University Press, p. 123.

⁵ Douglas Steere, *Translator's Introduction*, Søren Kierkegaard, *Purity of the Heart*, Collins Fontana Books, 1938, p. 15.

⁶ Paul Löffler, *The Ecumenical Review*, Vol. 19, No. 3, Julho de 1967, p. 252.

⁷ Listados entre outros estão: Joost de Blank, *This is Conversion*, London, 1957; Wm. Barclay, *Turning to God*, London, 1963; Stephen Swalley, *Conversion in the New Testament* em “The Churchman,” Vol. 78, No. 3, Setembro de 1964; H. J. Schultz, *Conversion in the World*, London, 1967.

⁸ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, São Paulo, 2007, vol. 4, p. 120; *Caminho a Cristo*, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, São Paulo, 1999, p. 62.

⁹ C.S. Lewis, *Christian Reflections*, Wm. B. Eerdmann Publishing Co., Grand Rapids, MI, 1967, p. 73.

¹⁰ Em C.W. Christian and Glenn R. Wettig, Editors, *Radical Theology: Phase Two*, Lippincott Co., Philadelphia and New York, 1967, pp. 177, 178.

¹¹ Paul Tillich, *Systematic Theology*, University of Chicago Press, 1953, Vol. I, Part 2, Section B, pp. 235-252.

¹² Tillich, p. 269.

¹³ Citado em Wolfhart Pannenberg, *The Question of God, Interpretation*, Julho de 1967.

¹⁴ *The Christian and Christianity Today*, London, 21 de Outubro de 1966.

¹⁵ Mateus 16:18 (NVI).

¹⁶ Westminster Press, Philadelphia, 1965.

¹⁷ John Macquarrie, *Studies in Christian Existentialism*, Westminster Press, Philadelphia, 1964, p. 100.

¹⁸ John Macquarrie, *op. cit.*, p. 102.

¹⁹ Citado em Macquarrie, *op. cit.*, pp. 47, 48; veja também Emmanuel Mounier, *Existential Philosophies*, Macmillan, NY, 1949.

²⁰ George W. David, *Existentialism and Theology*, Philosophical Library, New York, 1957, pp. 42, 47.

²¹ Thames & Hudson, New York, 1956, pp. 92, 93, 151, 152.

²² John Macquarrie, *op. cit.*, p. 124.

²³ A. W. Pink, *The Sovereignty of God*, Banner of Truth Trust, London, 1961, pp. 20, 21.

²⁴ Ellen G. White, *Educação*, Casa Publicadora Brasileira, Santo André, São Paulo, s. d., p. 173.

²⁵ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, São Paulo, 2007, p. 34.

²⁶ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, Livro 2, Casa Publicadora Brasileira, Santo André, São Paulo, 1967, p. 312; cf. *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 4, p. 490, Review and Herald, Washington, D.C.; *Patriarcas e Profetas*, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, São Paulo, 2007, p. 325.

²⁷ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, São Paulo, 2008, p. 169.

²⁸ Clifford Edwards, em *Christianity Today*, 12 de Maio de 1967, p. 13.

²⁹ Salmos 31:5 (NVI).

³⁰ Salmos 93:5 (NVI).

³¹ Apocalipse 3:7, 14 (NVI).

³² João 17:17.

³³ Efésios 1:13(NVI).

³⁴ Chr. Senft, *Vocabulary of the Bible*, Editor, J.-J. Von Allmen, Lutterworth Press, London, 1958, p. 431.

Bibliografia

Barth, Karl
Epistle to the Romans
Beauvoir, Simon de
All Men Are Mortal

An Existentialist Looks at America

Berdyayev, Nikolai
 Freedom and the Spirit
 The Destiny of Man
 The Divine and the Human
 Truth and Revelation

Bonhoeffer, Dietrich
 Letters and Papers from Prison (American Edition: Prisoner for God)
 The Cost of Discipleship

Brunner, Emil
 Eternal Hope
 Philosophy of Religion from Standpoint of Protestant Theology
 Revelation and Reason
 The Christian Doctrine of God
 The Divine-Human Encounter
 The Mediator

Buber, Martin
 I and Thou

Bultmann, Rudolph
 Primitiv Christianity and Its Contemporary Setting (Tr. R. H. Fuller, Thames & Hudson, N.Y., 1956)
 The Presence of Eternity

Heidegger, Martin
 Existence and Being
 The Question of Being

Jaspers, Karl
 Man in the Modern World
 Myth and Christianity
 The Origin and Goal of History
 Christianity and Existentialism (co-editor, Jas. Edie)
 Human Freedom and Social Order

Kierkegaard, Søren
 Concept of Dread Edifying
 Addresses of Varied Tenor Either – Or Fear and Trembling Philosophical Fragments
 Purity of Heart Is to Will One Thing
 Repetition Stages on Life's Way Final
 Unscientific Postscript

Macquarrie, John
 An Existential Theology
 The Scope of Demythologization
 Twentieth-Century Religious Thought

Marcel, Gabriel
 Man Against Mass Society
 Mystery of Being
 The Philosophy of Existence

Maritain, Jacques
 Existence and the Existent

Niebuhr, Reinhold
 The Nature and Destiny of Man
 Moral Man and Immoral Society

Paul, Leslie
 The Meaning of Human Existence
 Alternatives to Christian Belief

Roberts, David Everett
 Existentialism and Religious Belief

Tillich, Paul
 Autobiographical Reflections
 Existential Philosophy (Journal of the History of Ideas, Jan., 1944)
 Systematic Theology
 The Dynamics of Faith
 The Interpretation of History

Wild, John
 An Existential Argument for the Divine Transcendence (Journal of Bible and Religion, Oct., 1962)